

3 1761 07048293 0

PQ  
9261  
B78P7





Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto



16

---

# PRAXÉDES, MULHER E FILHOS

---

(Cadástro d'uma familia lisboêta)

---

# OBRAS DE ANDRÉ BRUN

## PROSA

- 1910 — Dez contos em papel — 10.º milhar.  
1913 — Sem pés nem cabeça — esgotado.  
1914 — Cada vez peor — 7.º milhar.  
1915 — Sem cura possível — 7.º milhar.  
1915 — Soldados de Portugal. *A guerra peninsular. A legião portuguesa* — esgotado.  
1916 — Folhinha de qualquer ano — esgotado.  
1916 — Praxédes mulher e filhos — 9.º e 10.º milhar.  
1917 — Outra vez Praxédes — esgotado.  
1918 — A malta das trincheiras. *Migalhas da grande guerra* — 12.º milhar.  
1923 — Sumário de várias crónicas — 4.º milhar.  
1924 — Os meus domingos. Primeira série. Ilustrações de Francisco Valença — 4.º milhar.  
1925 — Filosofia de Felix Pevide — 4.º milhar.  
1925 — Os meus domingos. Segunda série. Ilustrações de Francisco Valença — 4.º milhar.  
1926 — Os meus domingos. Terceira série. Ilustração de Francisco Valença — 4.º milhar.  
1927 — A Sogra do Barba Azul. Ilustrações de Alonso.  
1917 — Procopio Baeta.  
1929 — O Condado de Redondo — 2.º milhar.

## VERSO

- 1917 — Almas dum outro mundo — 2.º milhar.  
1923 — Histórias em verso. Ilustrações de Francisco Valença. Edição especial numerada e assinada pelos autores — Primeiro e unico milhar.

## TEÁTRO

- 1916 — Quatro peças num acto. *Codigo penal, art. \*\*\*, Ano novo, vida velha. Cavalheiro respeitavel. O primeiro Isidoro* — 3.º milhar no prélo.  
1922 — A vizinha do lado. Comédia em quatro actos — 3.º milhar.  
1923 — A vida dum rapaz gôrdo. Comédia em três actos — 3.º milhar.  
1923 — Auspicioso enlace. Comédia em três actos. *Em colaboração com Carlos Selvagem* — 2.º milhar.  
1926 — O Pinto calçado. Farça em três actos. *Em colaboração com Ernesto Rodrigues* — 3.º milhar.  
1926 — A Maluquinha de Arroios. Comédia em três actos — 3.º milhar.

ANDRÉ BRUN

---

---

Praxédes,  
mulher  
e filhos

---

Cadástro d'uma familia lisboêta

---

9.º MILHAR

LIVRARIA POPULAR

DE

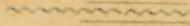
FRANCISCO FRANCO

(Casa fundada em 1890)

14, Rua Barros Queirós, 18

— (Antiga Travessa de S. Domingos) —

LISBOA



Praxêdes

mulher  
e filhos

Propriedade literária e artística garantida em todos os países que aderiram á convenção de Berne. (Em Portugal pela lei de 18 de Março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2577 de Janeiro de 1912).

2  
61  
8P7



0.º MICHAR

LIVRARIA POPULAR  
de  
FRANCISCO FRANCO  
(Casa fundada em 1890)  
14, Rua Barros Queirós, 18  
— (Antiga Travessa de S. Domingos) —  
LISBOA

*Lisboa, cidade de mármore e Praxêdes,  
Jardim cheio d'êles á beira mar plantada.*

.....

THOMAZ RIBEIRO,

---

**\*\*\* AS CRÓNICAS DE QUE SE COMPÕE  
A SEGUNDA PARTE D'ESTE LIVRO  
FORAM PUBLICADAS NO JORNAL  
«A CAPITAL»\*\*\* QUEM NÃO AS  
CONHECER QUE AS COMPRE\*\*\***

---

---

I  
A FAMILIA

---



## Praxédes

José da Silva Praxédes, natural de Lisboa, freguesia de S. Justa e Rufina. Cincoenta anos pelo S. Martinho. Nem gordo nem magro : nutrido. Bigode, meia calva, vista cançada. Puxa a lunêta em casa para ler o jornal e na repartição porque, emquanto a põe no nariz, não trabalha. Empregado publico ? Evidentemente. Segundo official. O pae, que era Praxédes, colocou-o á custa d'umas façanhas eleitoraes nas éras do Fontes. Ele deixou-se ficar e só se vae embora quando o aposentarem.

O pae, já se disse que era Praxédes. depois que acabou o Passeio Publico, jogava á noite o gamão n'uma botica do Póte das Almas e morreu d'uma cousa, não deixando nada ao filho, que tambem, se morresse, não deixava nada ao pae.

Uma bisavó do Praxédes foi ama do capelão d'uma fidalga do tempo de D. Carlota Joaquina. Por isso Praxédes acha a nobrêsa digna de respeito. Em matéria de religião, custa-lhe a crer em Deus ; mas acredita na Se-

nhora da Saúde. Não gosta de padres por inveja. Os padres comem bem, ganham dinheiro e não têm filhos. Chama-lhes rosnando : — «Mandriões !»

Casou aos 26 anos. Os Praxédes casam sempre. Precisam d'uma mulher para o jantar a horas, para lhes tratar da roupa e para o praser ser mais barato e menos perigoso.

Quando chegaram os descendentes ficou fulo. Sucederá o mesmo quando a mulher tinha tomado um gato para casa. Creanças e gatos comem carapau e sujam tudo.

A' medida que foi crescendo na hierarquia burocrática, foi subindo no proprio conceito. Nunca imaginou que existisse, enquanto era amanuense. Agora considera-se uma unidade de um todo, que não define bem. Quando fala de Portugal, diz:— «Nós, portuguezes. . . » Se se trata de questões administrativas, exclamam : — «Nós empregados publicos. . . » Se lhe não régam a rua, irrita-se : — «Nós moradôres d'este maldito sitio. . . »

Se tem ido formar-se a Coimbra, seria Acácio. Assim ficou o Praxédes.

Em politica não chega a mudar de opinião porque tem todas na massa do sangue. Cobarde como um lagarto é, portanto, pela Ordem e pelo Socêgo. Ainda admite que os outros se esfólem, comtanto que seja longe das suas costélas.

Sabe ler, escrever e contar. Tem boa lêtra, lêtra de empregado publico. Leu tres novélas de Camilo e quatro ou cinco romances de fasciculos. Aprecia as obras historicas e dorme sobre elas como sobre toda a lêtra redonda. Em materia de teatro, prefere o jocoso. Admirou o Taborda e, hoje em dia, não desgosta d'este teatro ligeiro em que as mulheres andam de perna á véla.

No entanto nunca se esquece de que o pae lhe disse uma vez que como a Emilia das Neves não vinha cá outra tão cêdo.

Respeita as opiniões chamadas publicas e chama com frequencia a certos *quidams*: «o grande estadista», «o grande actor», «o grande malandro» etc. Não é para ofender. E' porque confunde facilmente as pessoas crescidas com gente grande.

Estima a sua senhora e tem mêdo d'ela. Já não engana e nos tempos em que os fogos de mocidade o alvoraçavam, fasia as suas tratantadas com recato e economia.

Os filhos nascêram-lhe. Tambem lhe nascêram verugas. Conformou-se com todas essas nascidas. A filha ha-de casar. Os filhos farão o que entenderem. Diz muita vês: — «Para o tempo que eu hei-de viver! . . .» Se fosse Luiz XIV dizia: — «*Aprés moi le déluge.*»

Não é mau e é muito capaz de cometer uma vilania. Não é bom e nem por isso deixará de praticar uma ação generosa. A questão é que calhe, não lhe custe e lhe puxem pela manga.

Emfim conhecem-no tão bem como eu. E' o Praxédes.

---

## A mulher

D. Genoveva Praxédes. Quarenta e sete anos. Ha vinte e oito verões, tendo ido á Feira de Belem com seus paes e tendo parado junto a uma barraca de quinquilharias, notou que um individuo do sexo masculino, ainda novo e com a apparencia de saudavel, trajando calça de lista e bengala de chibata, a mirava com insistencia. Era o Praxédes. Namoraram-se um ano. O pretendente era de bons fins e os futuros sogros acolheram-no com enthusiasmo. D. Genoveva — então tratavam-na por *Vévinha*— julgou-se na obrigação de passado algum tempo pôr n'este mundo o senhor Alfredo. Quatro anos depois nascia a Fifi. O padrinho d'esta, que tinha uma loja de enterros, bem aconselhou os Praxédes no brinde de batisado, a que, editado aquele casal, se mantivessem n'uma prudencia rasoavel. Nove anos decorreram. De subito demandou a barra da existencia o menino Quico. Niguem o esperava e os avós chegaram a diser que parecia mal. O Quico, que já era tei-

moso, não quiz retroceder. Não houve meio senão acolhê-lo; mas foi mal recebido, com sorrisos amarélos.

D. Genoveva não pode ver uma mosca varejeira sem exclamar; — «Carta ou visita inesperada.» Quando tem comichão na palma da mão, explica: — «Ou novas ou dinheiro.» Para ela o sonhar com galinhas ou aves de pèna são desgostos garantidos. Tem creado e educado os filhos exactamente como cria e educa os gatos. Dá-lhes todos os dias a tijéla das sopas e, quando não vão debaixo da chaminé, préga-lhes uma sapatada. Péla-se por ler os romances folhetins, sendo aliás incapás de se recordar tres horas depois as peripécias que leu. A's vêses, em dias de calor, fica-se a cismar, depois de ter absorvido sete quartos de coluna do sr. Julio Mary, no que poderia ter sido a sua existencia, se, em vez de casar com Praxédes, fôra uma desavergonhada como a viscondessa. As conclusões nunca são favoraveis ao pobre marido, que, n'esse dia, suporta um mau humor de inexplicaveis causas.

A sua unica ambição, hoje em dia, é casar a Fifi. Por isso lhe favorece escandalosamente todos os namôros, ainda os menos viáveis. Despachada a filha, terá ainda que aturar o Quico até que ele se empregue, se governe ou saia de casa. O filho mais velho qualquer dia abala. E' um socêgo. Já o viu duas ou tres vezes na rua de braço dado com uma fulana. Ao passo que o Praxédes se indignava, disendo: — «Parece impossivel!» ela atalhou: — «Então! E' proprio da idade!», pensando na vantagem de ter menos aquelas preocupações de chaves do trinco, de roupa engomada, etc.

Quando vae faser visitas, os seus pontos de conversa são o preço dos generos alimenticios e a deficien-

cia das creadas modernas. Leva uma vida muito quotidiana, segundo ella propria diz. O seu génio, quando o tem, descarrega-se sobre o Praxédes. Todos os seus sonhos, todas as suas ambições, as suas illusões e os seus anseios, tudo isso mirrou e secou sob vinte e cinco annos de matrimonio forçado de que nunca pensou evadir-se. Acostumou-se definitivamente a todos os horisontes que lhe são permitidos: o dos quintaes das fraseiras da sua casa nos raros momentos de socêgo, o da barriga do Praxédes nas horas da intimidade familiar. como todas as mulheres alfacinhas, creadas para serem a escrava do homem e viverem sepultas dentro da casa, não lhe repugna a bisbilhofice. Vae seis ou oito vêses por anno ao teatro e volta de lá com dôr nos olhos, uma vaga enxaquêca e muito sôno. Aos domingos sae um bocado por causa da filha e regressa sempre encanizada, furiosa com o Quico que rompeu as calças e com o pae d'ele, que não sabe manter a sua autoridade.

O que lhe vale é — como ella não se escusa a afirmar — ter sido *muito feliz* com o seu Praxédes. O peor é a vida estar tão cara e as creadas não servirem senão para ralar uma pessoa,

---

## A filha

Filomena Aguiar Praxêdes, mais universalmente conhecida pela *Fifi*. Vinte e um anos. Um pouco escrofulôsa. Pálida e delgadinha, Parece menos idade e côme, quando pode, dois ou tres anos, a ver se um namôro se atreve e se comprométe definitivamente. Hoje o seu ideal é casar para ter casa, uma creada com quem ralhe e saber por experiencia propria aquilo de que ouve constantemente falar. Estimaria casar rica com alguem que a trouxesse no luxo ; mas compreendeu que os rapases ricos são muito voluveis e tem muito por onde escolher. Um alferes já preencheria o seu ideal. Tropa é miseria dourada ! D'acôrdo. Mas um homem fardado sempre faz outra vista e tem o camarada, que dá muito arranjo e poupa o ordenado d'uma creada. Depois morrem e deixam monte-pio. E' uma carreira de futuro... para os que ficam Mas, á falta de um militar, já se contentava com um guarda livros. Sabe ler, escrever e contar algumas historias. E' prendada :

piano, bordado, *crochet*. Nunca teve geito para governos de casa e cosinha. Sabe coser assim assim: o bastante para tratar d'uns arranjos seus e fazer blusas de andar por casa. Valsa para os dois lados e sabe o *two-steps* e a *mórna*. Gosta muito, quando tem um namôro, de ir ao animatógrafo. Não é viciosa;—morou sempre em andares altos — mas compreende bem que, para se arumar, é preciso fazer a diligencia. Cada vez que um namoro abala, encolhe os hombros e diz: — «Não calhou!», com a convicção absoluta de que ha de calhar um dia. O mais depressa melhor. Está farta de viver n'um quarto em que uma pessoa para se ver ao espêlho tem de abrir a porta para a casa de jantar. O seu passa-tempo é a janéla. Da rua é que pode vir a salvação. E passam uns... Será algum d'estes? Não é. E passam outros... Talvez aquele? Tambem não. e as horas passam e passam trens e carroças. Passam automoveis e mulheres de hortaliça. *Ele* ha de passar tambem.

---

## O filho mais velho

Alfrêdo Praxédes. Vinte e cinco anos. Empregado no J. J. Correia Pinto & C.<sup>a</sup> na rua dos Douradôres. Ganha pouco por emquanto. Para se vestir e fumar, — diz o pae — pois mestre Alfredo, como todo o alfacinha pelintra, é jãnota e fuma como uma chaminé da Companhia do Gás. Sócio de varios clubs desportivos. Joga o *foot-ball* e tem prosápias de valentão, como é da praxe. Em casa, quando é preciso desarrumar um movel, espera-se que chegue o Alfredo e já são quatro ou cinco vezes que aparece á familia com a cara amolgada. «Que foi?» pergunta a mãe muito aflita. «Questões?» responde ele encolhendo os hombros. Já foi preso n'um baile de mascaras por ter levado duas bofetadas.

Fála o portugûes do seculo XX na perfeição. Em caião de sala e de salêta ninguem lhe põe o pé adeante. Anda metido com uma corista de opereta e é da *claque*. Não falta a uma tourada, já esteve uma vez para ir pegar n'uma corrida em Canéças e toca três tons do

fado na guitarra. Quando lhe falam em casar, responde: — «Estás a vêr, ó Viroscas» e, de vêr em quando, o Praxédes, a quem D. Genoveva diz qualquer coisa ao ouvido, chama-o de parte e recomenda-lhe: — «Trata-te, rapaz. Trata-te e vê se tomas juiso». Qualquer dia o *casaca* augmenta-o ou despede-o. O que ele gostava era de trabalhar n'um sarau do Ginásio Club no Coliseu. Não pára em casa. De tarde vem ás sôpas, abála, volta de madrugada. De manhã é um sarilho para acordar, almoça e sae para o escritório. Ao domingo levanta-se ás duas e é só pedir agua quente: ele aí vae para incognitos destinos. Chama á irmã *carocha encolhida*, com o que ela dá muita sorte. Póde dizer-se que não faz parte da familia senão para efeitos de pão e rancho.

---

## O filho mais novo

Francisco Praxédes, o *Quico*. Dôse anos. Aluno da 2.<sup>a</sup> classe do liceu da Lapa. Bonito exemplar da mocidade esperançosa, dos «homens de amanhã». Uma aversão á agua de cão hidrófobo. Desportivo, já teria partido a mobilia toda da casa, se a mãe não o aquié-tasse a meúdo com uma vara de sacudir os tapêtes. Absolutamente incompativel com os pronomes demonstrativos. No liceu faz parte d'uma associação secréta que tem por fim o jogo do berlindre, a caça aos gatos e a não comparencia ás aulas. Anda muito preocupado com a creação dos bichos da sêda e, em se desimaginando d'isso, fará colêção de sêlos. Quando o pae se convença que o joven Quico nunca dobrará o cabo tormentoso do 4.<sup>o</sup> ano de sciencias, entrará para um escritório ou talvez o padrinho, que é da Junta de parochia, lhe arranje um emprêgo publico. «Por esse andar nunca has-de ser ninguem», diz-lhe o pae, que supõe ser alguma cousa. E o Quico ralado. No dia se-

guinte ha desafio entre o *team* de que êle faz parte e o da 3.<sup>a</sup> turma. . . Já fuma. em apanhando o irmão a dormir, vae-lhe aos bolsos e, sempre que a mãe deixa adormecer um trôco sobre uma mêsa, empalma o que pode para satisfaser os seus vicios. Quando está de bom humor, leva aos namorados da irmã as cartas com que ela acêna por detrás das vidraças. Quando se zanga, conta tudo e arranja uma tragédia em casa. No animatógrafo não se contém de entusiâsmo perante as fitas policiaes em que as suas predilêções vão sempre para os facinoras. Está morto por ter umas calças até abaixo. A mae já lhe prometeu que, em as calças do pae estando velhas, lhe hade fazer com elas umas calças novas. O Quico tomára já.

---

---

II

O PESSOAL MENOR

---



## A creada

Balbina da Purificação, uma sua creada. A sua terra é d'ali para o pé das bandas de Castelo Branco. Sabe fazer o *trivial*. Está a servir em Lisboa *dênos* faz agora dois anos pelo S. João. Primeiro esteve em casa duma senhora, que o senhor era a modos que empregado numa repartição. Despediu-se, porque o serviço era muito, havia muitos encerados, a comida era pouca e a senhora tinha maus modos. D'ali foi para uma casa, que lhe arranjou uma prima d'ela que já está a servir em Lisboa ha oito anos em casa d'uma senhora de idade. Aí esteve duas semanas. Havia muitos esfregados, a senhora tinha maus modos, a comida era pouca e mandavam a muitos recados. Uma mulher a dias inculcou-lhe uma casa d'um sujeito, que era doutor. Aí esteve dois dias porque se ofereceu para cozinha e os patrões não tinham o mesmo paladar que ela e a senhora queria que ela fizesse massas folhadas e não gostava de dar saídas, isto além de ter maus mo-

dos e a comida ser pouca. Esteve em mais oito casas, d'onde se despediu sempre por elas serem ruíns.

Está em casa do Praxédes ha quinze dias e já anda morta por abalar. Tem uma raiva ao Quico que o não pode ver. Quando lhe perguntam: — «Ó Balbina, onde está isto?», responde logo antes de reflétir: — «Não sei, eu cá não lhe buli», só para arreliar os circumstantes. Cosinha como um aprendiz de estofadôr e colécciona padeiros. Já falou com sete e o seu ideal seria juntar para um cordão. Uma manhã, entrando no quarto do menino Alfredo, este puxou-a por um braço. «Olhe que eu vou dizer á senhora!» No dia seguinte voltou lá á mesma hora. Ele já pensava n'outra cousa. Ficou logo com ideia de mudar de casa. A mulher do logar já se prontificou a arranjar-lhe uma.

---

## O gato

Praxédes chama-lhe o *Abade*. As senhoras chamam-lhe *Taréco*. O Alfredo chama-lhe *Talassa*. O Quico chama-o e dá-lhe com a chibata, E' filho de gatos incognitos. A mãe era uma desavergonhada que, em se apanhando em janeiro, não olhava a maltêses, nem a raia-dos. Tudo lhe servia, até o gato do talho. O *Taréco* veio ao mundo num vão de escada e, se não tem a sorte de ter sido encontrado por uma alma generosa, que o creou a sopas de leite, estava desgraçado. Um dia — já saía só — caiu na patetice de enfiar pelo sótão do Praxédes. A casa tinha ratos e o *Taréco* conveiu. Trataram-no amavelmente e ele deixou-se ficar.

Para o reter de todo, mandaram-lhe cortar por um deita-gatos as veleidades de turismo de que pudesse vir a ser acometido e, quando o bichano caiu em si, viu que o melhor que tinha a fazer era ficar em casa, engordar e ir envelhecendo. E' no que emprega o seu tempo. O seu unico pesadelo é o Quico. Se o irmão

leva aos touros, no dia seguinte o *Taréco* é trasteado de capa, bandarilhado e passa o que não passa um Miura autentico, que, ao menos, é morto no fim da lide. Se o pae convida o menino para o Coliseu, no outro dia o gato tem que ser leão, burro sabio, cançonetista e trabalhar no trapésio. Se o Quico vae ao teatro, durante três tardes o desventurado bicho tem que andar, vestido de princêsa com as rodilhas da cosinha, a cantar com o seu carrasco duêtos de operêta alemã ou fados de revista de ano.

Já por mais de uma vez o *Taréco* teve a tentação de mandar cortar o rabo como os cavalos inglezes e o bigode como os janotas americanos, afim de poder ter algum socêgo ou menos ponta por onde o Quico lhe pégue.

Por isso, quando D. Genoveva se irrita e brada ao seu insecto: — ‘Tomára já que o teu pae te ponha num escritório!’ o gato, debaixo do aparador, apoia: — ‘Tambem eu!’

---

## O papagaio

Republicano histórico. Já no tempo da monarquia, quando outros colégas se vestiam de cinzento, ele usava *frak* verde e vermelho. Para chamar as atenções do povo oprimido sobre as frivolidades da Casa Real, levava os dias a acusar o monarca de ir á caça deixando os negocios publicos correrem á revelia. E' de uma familia de papagaios muito conhecida... O apelido dele é *Loiro*. V. Ex.<sup>as</sup> devem estar lembrados...

Tem duas coisas que o incomodam. Em primeiro lugar o nariz, exageradamente aquilino: um verdadeiro bico de papagaio, como se costuma dizer. Aquele promontório de ponta recurva força-o, para poder olhar, a pôr a cabeça de perfil, o que lhe dá o ar irónico e petulante do Augusto Rosa na *Estrangeira*. Outro dos seus desgostos são os pés. Fiseram-lh'os para poleiro; mas na vida de um papagaio alfacinha não ha simplesmente poleiros; ha tambem o zinco das mêsas de cosinha. Não calculam o que isso é de incomodativo.

Tem muito boa bôca. E abusando da sua condescendencia digestiva que lhe impingem todas as nêspervas pôdres.

Tem uma voz abaritonada. O que é realmente pena é que não tenha escola e o seu reportório seja tão limitado. Até hoje ainda não passou de

Ó Rosa,  
Tirana!

Quando vae a cantar o resto, põe-se irreflétidamente a falar doutras cousas: — «Dá cá outro! Tá quieto, ó Quico!» ou então apregôa: — «Meninas! Tem cabelo para vender?» Não tem sequencia nenhuma na conversação. — Quando a creada está descascando ervilhas, desce pela rampa da gaiola, bamboleando-se como um acrobata que trabalha no arame. Dá uns passos sobre o zinco, deixa ficar para trás a perna onde usa a pulseira da corrente, estica o corpo para a frente e rouba uma casca. Volta para o poleiro e passa uns cinco minutos entretidos. Depois torna a apregoar, a pedir outro, a trautear a «Rosa tirana» e, afastando as abas do *frak* para o lado com mêdo de se sujar, alivia a sua consciencia.

---

## IV

# O canário

Uma bola de algodão em rama, que caiu num tacho de tinta gêma d'ovo.

Pi-pi-pi! Pi-pi-ri-pi-pi!... Caquinho da alpista... Pi-pi-pi! Pi-pi-ri-pi-pi... Caquinho da agua. Pi-pi-pi! Pi-pi-ri-pi-pi... Caquinho de alpista... Pi-pi-ri-pi pi Caquinho de agua. Aos domingos um grêlo de nabo! Nessa altura: pi-pi-ri-pi-pi... pi-pi-pi... pi-pi-pi.

E assim sucessivamente. O homem que o vendeu affiançou: — «Póde levá-lo com confiança que isto até canta debaixo de agua». Qualquer dia o Quico tenta a experiencia.

---



---

III  
A CASA

---



## A casa

Um terceiro andar direito na Rua de S. João dos Bemcasados. A' frente duas casas: a salêta, que tambem gosa da fama de ser escritório, a sala. Interiores; a alcôva de Praxédes, que dá para a sala por uma porta envidraçada, o quarto da filha com luz para a casa de jantar, o dos filhos com frente para um saguão. A' rectaguarda: a cosinha e a casa de jantar, que serve de casa de costura e de engomados. Em cima: o sofá onde dorme a creada. No corredôr: um armário cheirando a ratos e a chouriço, que passa por ser a dispensa. Prótotipo da casa alfacinha.

A salêta tem um sofá de palhinha, o piano e uma secretária de mogno com cortinas verdes, na qual se arrumam os jornaes velhos, os bocados de cordél e a caixa dos bichos de sêda do Quico. No chão um tapête de retalhos com grandes pontos de linha vermelha. Uma cadeira de palha com almofadas bordadas. Nas parêdes duas óleografias: *Camões lendo os Lusíadas* a *D. Sebas-*

tião e a *Primeira missa no Brasil*. Completam a decoração uma pandeirêta pintada, um programa em sêda duma tourada no Barreiro, um calendário da «*Perola da China*» e varios bilhetes postaes ilustrados dispostos em losango. Uma porta para o corredor, outra para a sala.

A sala é em estilo. Estilo mercado de S. Bento. um sofá e duas poltronas trajando guarda-pô, seis cadeiras, mêsã redonda no meio com pano de *crochê*. Na parede maior, o retrato a *crayon* do dono da casa, ampliação de um outro, que abre o album que está em cima da mêsã. Nesse tempo Praxédes usava patilhas. Em duas molduras ovaes, o pae e a mãe do dono da casa: ele de passa-piôlho como os homens de 42, ela de saia de balão. N'outra moldura um grupo tirado em tempos, n'um dia de festa no campo com vários amigalhaços. D. Genoveva tem o Quico no côlo, D. Fifi mostra por baixo do vestido as rendas das calças, Praxédes empunha uma garrafa de vinho e o compadre, em mangas de camisa, toca guitarra. A esposa do nosso amigo não achava proprio collocar-se aquilo na sala. Praxédes exclamou: — «Não me importa. Sempre fui democrata.» Dois consóles com a pedra em mármore supórtam varias bugigangas: um cestinho de rafia, dois busios, retratos de familia em molduras de latão estampado e as *Pupilas do sr. Reitor* suntuósa-mente encadernadas e descançando sobre um pano de tampas de caixas de fosforos, todas com vistas de monumentos do país. Além d'isso, poderão ver-se ainda um livro de vistas de Cintra em harmonium e capa vermelha, dois castiçaes de prata e uma redôma sob a qual dórme um ramo de flôres de cêra. Esteira no chão e três tapetes de saltar da cama. Reposteiros de juta e cortinas de renda nas janélas.

O quarto de Praxêdes encerrado o tálamo conjugal em mogno polido, o guarda fato que, entreaberto, fulmina pelo cheiro a naftalina, um toucador antigo com a bacia de mãos sobre a pedra e, além de um cabide de pé, uma meia comoda barriguda, que parece estar de cócoras espreitando pelos pés da cama o que faz o casal dos Praxêdes, quando se apanha em trajés menores. Sobre a cómoda o oratório com a lamparina acêsa.

O quarto de D. Fifi é o santuário da innocencia. Leito de ferro pintado a branco com bolas amarêlas. Colcha de *crochèt* arrendado com pano de *zéfir* côr de rosa por baixo. Senhora da Conceição á cabeceira, Guarda-fato de espelho e *toilette* em casquinha polida. Lavatório de suspiro. Na gavêta esquerda de baixo do guarda-fato as reliquias de sete namôros passados. Na gavêta de cima do *toilette* o material do namôro entre mãos. Oleado no chão.

No quarto com frente para o saguão dormem o Alfredo e o Quico. As duas camas, uns cabides com cortina á frente correndo n'um varão de ferro e uma mêsa servindo de secretária. Nas paredes retratos de toureiros, do dr. Afonso Costa e do dr. Bernardino Machado. Uma óleografia representando a Rotunda em 5 de Outubro de 1910. Dois allêres pequenos aos pés da cama do Alfredo. Uma prateleira junto á cama do Quico onde descançam os livros de escola.

A casa de jantar tradicional. Mesa, seis cadeiras, aparadôr e guarda-lata. Uma cadeira de palha entre as janelas. Oleado no chão. Nas paredes oleografias representando uma d'elas frutas em comicio em volta de um saleiro, e a outra um goraz com varias sardinhas no côlo. Relogio de parede. Andorinhas de louça das Cal

das e ladeando o relógio mais dois quadros: *Noivos e Arrufados*. No primeiro dois simpáticos jovens de sexos diferentes enlaçam-se, ele de sobrecasaca e sapato de entrada abaixo, ela com o traje proprio de ir casar á igreja. No segundo os mesmos jovens estão sentados n'um banco de jardim, de costas um para o outro, cada qual na sua ponta do banco. Ele faz lêtras com a bengala no chão. Ela cisma nos inconvenientes de ter tomado parte na gravura antecedente.

A cosinha não tem no seu passaporte sinaes característicos. E' muito desleixada. Anda sempre por pentear.

Em cima o sotão onde dorme a creada e se arrumam malas. E' melhor não subir, que a escada é muito ingreme.

---

---

IV

A GENTE EM ACÇÃO

---



## COMEDIA BURGUESA

Quando comprou o oleado novo para a casa de jantar, o nosso Praxêdes disse a D. Genoveva, sua esposa recebida :

— «Arruma-o na dispensa que, no primeiro feriado que calhe, trataremos de o pôr.

Porque no dia da semana, Praxêdes tem o dia tomado, sendo dos poucos amanuenses que não escrevem revistas de ano e vão á repartição. Ao domingo, tem sempre afasêres que lhe consomem a tarde.

A Republica tem sido pouco prodiga de feriados. Reduziu-os á expressão mais simples e sempre que os tem dado é dia de cortejos civicos, a que Praxêdes não poderia faltar.

Hontem, finalmente, alvoreceu um dia livre. Não havendo jornaes, Praxêdes saltou da cama de manhã cedo e, ainda em cuécas, disse a D. Genoveva, esposa legitima :

— «Venha o oleado !

Então, começou a faina. Em trages quasi menores, suando como dois moços de frêtes, os esposos arredaram o guarda loiça para o corredôr, a mêsã pera cima da cômoda no quarto, a cadeira de palha para a retréte, as austriacas para cima da cama . . . Compareceu o oleado, tiraram-se medidas, acertaram-se com um compasso

as tiras e as florinhas e, de cócoras cinco horas seguidas as mãos em carne viva, com grande satisfação do Quico e a cumplicidade de uns prégos de costas largas e de um martelo, que não escolhia entre cabeça de prego e cabeça de dêdo, o oleado foi finalmente colocado, dando á casa um novo aspecto e um novo arôma.

Carretáram-se para o logar primitivo os moveis que levaram uma prévia esfêra de linhaça e, com a alegria serena com que Hercules concluia os seus trabalhos, os esposos Praxédes reviram-se na sua obra. De bom grado teriam feito o que Rafael não fez á memoria dos seus quadros: teriam assinado n'um canto, n'aquele canto onde o gato... Emfim!...

E á noite, depois de jantar, que teve para eles o sabor d'um festim de Luculo, saíram os Praxédes a ver as montras... Chegados em frente do quartel general, em S. Domingos, ante a varanda iluminada, Praxédes ergueu o guarda-chuva e explicou á sua mulher legitima e pouco erudita, á sua filha Fifi e ao seu filho Quico:

—Foi além que, em 1640 e sob o comando do sr. José Maria dos Santos—Praxédes confunde evidentemente com João Pinto Ribeiro—quarenta senhores se reuniram para nós podermos pôr hoje o oleado novo na casa de jantar...

*3-Dezembro-1912*

---

## O CATARRO DO PÁPA

Praxédes não se dispensa um só dia de ler as gasêtas sérias. Ao acordar de manhã cedo, antes mesmo que sua esposa, com o carinho enquistado de vinte e sete anos de matrimônio com medalha de comportamento exemplar, lhe venha trazer o café com leite e a torrada, que são dogma da religião caseira, o Praxédes desdobra o seu jornal pacato, jornal de família, e lê tudo o que se passa n'esta Lisboa, desde as conferencias das comissões provinciaes com o sr. ministro do fomento até aos roubos de forasteiros. Para o fim, guarda a enfiada de telegramas estrangeiros e é com veneração e assestando melhor a sua lunêta, que ele se informa dos terramotos que tem havido em Honolulu e das revistas que Guilherme II tem passado ás suas tropas. Ha dias, uma noticia lacónica maguou-o bastante: o Pápa estava doente. Quando a torrada compareceu ladeando a tijela do café com leite, comunicou a nova a sua esposa, que não pareceu preocupar-se muito com o caso. No electrico, indo para a repartição, insinuou a um sujeito conhecido, no meio da paléstra:

—«Então o pápa está doente?

O outro não fez repáro. Ao chegar ao ministério, disse ao amanuense, que se lhe senta á dextra na enfiada de mêsas envernizadas:

— «Então o pápa tem passado mal?

— «Ainda bem, — refilou o outro, que não pôde cheirar homens de saias.

No jornal da tarde reproduzia-se a noticia. Praxédes, ao chá, tornou a insistir junto da madama :

— «O pápasinho, coitado, lá está de cama...

«E a D. Joaquina tambem, — concordou a mulher, que tem a visinha de baixo em disposições de dar mais um filho á terra portuguesa.

No outro dia, Praxédes foi espreitar á secção estrangeira, mal chegou o jornal. O pápa estava na mesma. Praxédes falou n'isso a quatro ou cinco pessoas, que não manifestaram o menor interesse. Nos dias seguintes, sempre que chegavam noticias pelos fios de Roma, Praxédes se compungia com as poucas melhóras do Soberano Pontifice, até que, arreliada, D. Genoveva, lhe perguntou hontem um pouco rispidamente :

— «Mas afinal que tens tu com isso?

— «Ora essa? E' que eu padeço do catarro.

— «E depois!

— «Depois? Gostava de vêr se é molestia de que uma pessoa morra, mesmo sendo pápa.

*11-Março-1912*

---

## SEMANA SANTA

O meu correio da manhã trouxe-me esta desolada epistola :

... Sr.

Chamo-me Filomena, a mamã chama-se Fifi e tenho vinte e um anos.

Sou magra, tenho má côr, cômo pouco e um senhor doutor medico de consulta em farmácia disse ha tempos ao papá que eu precisava de casar. Tambem sou de opinião d'aquêle clinico inteligente. Passo os dias pendurada na janêla, levo a familia quasi todos os domingos á Avenida e costume ir com uma prima de lunêtas, que tenho, ás *soirées* no Lisboa-Club. Tenho tido ultimamente namôros ; mas todos muito tenues. Ainda nenhum se atreveu a pedir-me ao papá, que não sabe dizer que não a certas cousas e é muito amigo de me fazer vontades. Por meu mal, desde que se proclamou a Republica, diminuíram as minhas probabilidades de matrimónio. Antigamente havia, para as pequenas na minha situação, não só o beija-pé ao Senhor dos Passos em S. Roque, que nos era muito favoravel pela escuridão propicia aos devaneios amorosos; mas, ainda e principalmente, a Semana Santa que, pelos mesmos motivos, era o nosso S. Miguel. Saía meio mundo á rua : os rapazes solteiros logo de manhã se aperaltavam para a

patuscada da tarde, Bem sei que a maior parte eram uns atrevidos que só queriam chacota ; mas no môlho sempre havia alguns bem intencionados que caíam.

O sr. Afonso Costa acabou com tudo isto, A abolição da semana santa desgraçou as industrias de doce : o namôro e as conferencias. A uma comissão de donzelas, que o procurou ultimamente, respondeu aquele he-rege que tinhamos os animatógrafos e as fitas de quatro mil metros. Ah ! Bem se vê que o auctor da Lei da Separação nunca foi menina solteira. Senão saberia que, nunca o Cretinetti infundirá em espiritos masculinos aquela ponderação necessaria e aquele recolhimento de espirito que alguns camêlos com a bossa matrimonial sentiam ante um altar com sete mil lumes, como costumava sêr o de S. Nicolau.

Registe, pois, o meu profêsto, senhor redactor, contra a guerra movida á Semana Santa.

Sua  
Filomena Praxédes

19-Março-1913

---

## SEGUNDA IMPRESSÃO

O meu amigo Praxédes acordou hoje bem disposto com a intelligencia lucida e a bôca fresca. Antes de mais nada, reclamou o jornal. Logo na primeira pagina, vinha a noticia do comicio dos inquilinos. Praxédes, que acabava de sêr augmentado violentamente na renda da casa, exclamou:

— «Marotos! Imaginavam que isto ficava assim? Era melhor. Um cidadão a trabalhar duas horas por dia n'uma repartição para ganhar o pão da familia e a farinha Nestlé dos filhos e a sêr espoliado por um bandido qualquer. E' senhorio do predio? E depois? Que tem isso? Quem sabe lá onde ele iria buscar o dinheiro com que mandou fazer a casa. O' Genoveva!

Sua esposa Genoveva compareceu.

— «Tira-me para fóra a sobrecasaca e a bengala de unicórnio. Esta tarde vou ao comicio.

— «O' filho! Não te exaltes. Vê lá se te partem a bengala, que é de estimação.

— «Não ha duvida. Isto não fica assim. Com este aumento inesperado como havia eu de pagar aqueles cincoenta mil réis que o meu compadre me emprestou, ha dois anos, e que fiquei de liquidar a cinco mil réis por mez?

E, firme no proposito de ir ao comicio, continuou

Praxédes lendo o jornal. Começaram a aparecer as tentações: concurso hipico, touros em Algés, as hortas com o peixe frito, a musica na Avenida, exposição de pintura e de flores, o diabo emfim. Tudo isto—mais o sol que entrava pela janéla dentro—mudou a côr dos pensamentos do Praxédes.

Ao reventar das três aconselhou á mulher :

—«O' Genoveva. Veste o vestido claro e tira-me para fóra o fato de alpaca. Vamos até á feira.

—«Então não vaes ao comicio?

—«Eu não. Está muito calor.

—«Pois tu deixas passar, assim sem mais nem menos, estas poucas vergonhas do aumento da renda?!

—«Sei lá! Eu não gosto de andar metido em chicanas. Já reflecti que o melhor é pagar o que o senhorio quer e ficar a dever os cincoenta mil réis ao meu compadre.

E o Praxédes foi para a feira.

25-Maio-1913

---

## EXPLICAÇÃO

Encontrei hoje o Praxédes no electrico. Fez-me muito má cara e percebi logo que era por eu ter contado a sua atitude perante o caso dos inquilinos.

A certa altura, não podendo mais conter-se, veio sentar-se á minha beira e, com ar enxofrado, disse-me :

— «Lá li aquela coisa. É' verdade que acordei com a idéa de ir ao comicio e fazer um barulho dos diabos e adormeci com uma indigestão de farturas e de vinho branco. É então, que tem você com isso? Quer você dizer na sua que eu sou um tipo de primeiras impressões, cheio de basófias ao começo e, após reflexão, cauteloso e pacato como um bicho de conta; que tenho a mania de querer sempre discutir tudo e, passada meia hora, recolho a indignação ao bucho, reconhecendo que o melhor é a gente não se ralar, gosar a vida conforme pôde e deixar a certos malucos o cuidado de se fazerem esmurrar pelos colégas de opinião contrária ou espadeirar pela força publica; que sou caloteiro sempre que posso, falho de palavra e falto de método para organizar a minha vida; que só acendo velas a Santa Barbara quando, ao ribombar do trovão, o raio me reduziu já a cisco; que, em resumo — como diz na Severa o Marialva á marquêsa que o acusa de descer — sou português?

E como eu o olhasse em silencio, ele continuou :

— «Pois que hei-de eu ser, tendo nascido nas escadinhas de S. Cristóvão, 284, 2.º, e residindo ao presente na rua de S. João dos Bemcasados, 2.º Dt.º»

Vi que o homem tinha razão. A unica razão de existir dos Praxédes é a felicidade logica dos seus actos á sua naturêsa.

27-Maio-1913

---

## PRAXÉDES ARTISTA

Praxédes está farto de lêr os jornaes que o povo português se não interessa suficientemente pelos assuntos de arte, que os artistas têm que se aburguesar até as encomendas feitas por medida e mal pagas, que n'esta terra não adeanta nada ter talento e que, onde campeia a oleografia e a separata das ilustrações baratas, é fantasia querer impôr trabalho amassado com o suor da inspiração.

Praxédes, pois, deliberou hontem ir ao *Salon* da rua Barata Salgueiro e, para arejar um pouco o intellecto da familia, ordenou que embandeirassem em arco sua esposa D. Genoveva e sua filha D. Fifi. Seu filho, o Quico, não se incorporou no cortejo por andar remando na dóca de Santos na sua qualidade de futuro mancebo desportivo.

Chegados que foram á exposição, Praxédes, afim de predispôr o entusiasmo da familia, explicou :

—«Tudo isto que vão vêr é feito á mão.

E começaram correndo as salas. As *Cebolas* de Malhõa arrancaram a D. Genoveva um grito de entusiasmo :

—«Estão mesmo tal e qual. D'aquelle tamanho não custavam menos de sete vintens o quilo.

A Fifi, que tem horror á cosinha, mirava com muito

maior interesse um quadro, intitulado *Canto de mesa*, da sr.<sup>a</sup> D. Pulquéria d'Ataíde, discipula de D. Engracia da Purificação, téla que demonstrava a melhor vontade de reproduzir uma almofada, uma jarra com hortenses e um album de madrepérola.

— «Olhe mamã, aquela almofada. A Luisa Quinhones anda a bordar uma egualzinha, toda em preguinhas.

Praxédes apreciava silencioso. De subito, ao chegar diante da *Fumadôra de ópio*, de Emilia Sousa Braga, que ostenta uma plastica — a *Fumadôra*, é claro — muito suggestiva, o chefe da tribu cheirou os ares, como o cavalo arabe no deserto quando a aragem lhe trás arôma de égua. A presença de D. Genoveva fêl-o suspender; mas, ao passar de novo pelo *hall* de entrada e ao defrontar-se com a *Hebe*, senhora em marmore branco, que se apresenta apenas revestida das melhores intenções, Praxédes não poudé conter-se e, apanhando a mulher e a filha distraídas, piscou o olho ao reformado de serviço e murmurou entre dentes:

— «Hein, ó camarada? Que riquissima pósta de senhora! Que pena sêr congelada...

26-Maio-913

## PRAXÉDES SENSATO

O Quico, hontem, ao chegar a casa, declarou ao pae:

— •O papá! Quero ser *boy-scout*.

— •Quanto rende isso por ano, descontando os direitos de mercê? perguntou Praxédes.

— •Não rende nada.

— «Nesse caso has-de ser o que é o teu pae: segundo official do ministério das Finanças, que é cousa para desoito tostões por dia, aposentação e pouco que fazer.

E, como Quico ficasse com um narís de légua, Praxédes indagou:

— •Mas o que vem a ser isso de *boy-scout*?

— •*Boy-scout* é um rapaz que anda com as pernas á vela e o pescoço á mostra, com um chapéu de aba larga na cabeça e na mão um pau comprido de bico; que aprende a tratar feridas ligeiras, a fazer sinaes com uma bandeirinha e a salvar as pessoas que se afogam; que cõme no campo ovos fritos e maçãs, dorme numa barraca de campanha e pratica uma bõa ação por dia.

Praxédes encolheu os hombros.

— «Deixa-te de lérias, rapaz. Isso de andar com o pescoço á mostra sabes que te faz mal ás anginas. Um chapéu d'aba larga, para quê? Então não tens aquele *bonet* á maruja que te comprei o mez passado e que te fica tão bem? Com respeito ao pau bicudo, na vida,

eu filho, o que serve é o pau de dois bicos e quanto mais curto, melhor, para não dar nas vistas, Tratar feridas ligeiras, pôr pontos numa cabeça rachada e arnica num galo? Para isso não é preciso ser *boy-scout* e andar de perna amóstra. Qualquer praticante de farmácia de calça até abaixo faz isso. Deixa os sinaes com bandeirinhas ás guardas cancelas dos comboios e não te metas a comer ovos fritos e maçãs, porque os ovos estão a quatorze vintens e as maçãs, desarranjam-te a tripa. Não penses em dormir numa barraca de campanha, porque não calculas o que faz doer os ossos e, pelo que respeita a salvar pessoas que se afogam, só se as pescares á linha, meu palermá, visto não saberes nadar e teres tal horror á agua que é um inferno para a tua mãe conseguir que laves os pés.

O Quico Praxêdes escutava silencioso, como a *Lágrima* de Junqueiro. O pae proseguiu :

— «É verdade. Já me esquecia. Falaste tambem em cometer uma bôa ação por dia. Tu sabes lá o trabalho que isso dá? Olha: aqui estou eu, que tenho quasi cincoenta anos e até hoje não tive tempo de cometer uma só.

O pequeno pareceu convencer-se com essa lição do critério paterno. Entretanto, mal o pae virou costas, disse para a Fifi, sua mana :

— «Deixál-o ! O papá não quer que eu seja *boy-scout*? Vou ser amador dramatico.

## PRAXÉDES ANTI-SUFRAGISTA

Esta manhã encontrei o Praxédes arreliado.

— «Que tem você, homem, que trás essa cara de sexta feira? — inquiri com a simpatia que me merece tão prestimoso cidadão.

— «Ora imagine que esta manhã tive que dar com um prato de assôrda na cara de minha mulher...

— «Porquê! Foi receita de medico?

— «Não. Foi por causa d'isto.

E Praxédes saca do bolso um jornal da manhã, que insere o retrato da marechala sufragista norte-americana a cavalo, com um chapéu masculino na cabeça e umas botas até aos sovacos.

— «Não percebo...

— «Eu lhe explico. Esta manhã abro esta gasêta. Estavamos á mesa e digo para a minha metade, mostrando este bonéco: — «É' para que vejas, Genoveva, até onde pôde chegar a madurêsa de certas mulheres!» — «Que tem isso?» — pergunta ela abespinhada. — «O que tem? Pois tu não vês esta madama montada n'um bucefalo, capás de cair e partir a cabeça e tudo isto para ter voto nas eleições!» — «Fás ela muito bem. Nunca o assento dôa a essas que, de cima d'uma cavalgadura, pugnam pelos direitos do meu sexo. Chegou a hora de nós, as escravas, arvorarmos o pendão da revolta!» —

«O' filha então tu queres arvorar o pendão contra mim, que te faço todas as vontades, que sou um pau mandado nas tuas mãos, que me deixo governar só para não te vêr zangada?! Que mais queres tu? Votar? Tu que entendes de politica? Queres ser deputada? Queres ser presidenta do conselho?» — «É porque não?» — perguntou ella, toda senhora do formidavel narís que herdou da familia — «É, enquanto tu estivessees a falar nas Côrtes, quem é que arrumava a casa, me cosia a roupa, dava ordens á Balbina, nossa sopeira?» — «Eu sei lá!» — «Isso é um disparate. Não digas mais asneiras, Genoveva, e almoça, anda.» — «Já não quero almoçar. Tens o condão de me tirar o apetite! Ah! Bem me dizia minha mãe, quando eramos noivos, que não casasse com semelhante papa-assôrda».

— «Pois a D. Genoveva disse-lhe isso? indaguei eu surpêso.

— «Diz-m'o sempre quando está zangada. É eu, que sei que sou papa-assôrda, mas não gosto que m'o chamem, quiz fingir que o não era e zás! Ferrei-lhe na cara com o prato que tinha adeante de mim.

— «Oh! N'uma mulher nem com assorda se bate!» — exclamei, todo Marivaux.

— «Isso sei eu. O resultado foi que, para a amansar, tive que lhe prometer que ia arranjar um camarote de bórta para o teatro, que no domingo a levava aos touros e que para agosto lhe comprava um vestido branco. Ah! É verdade. Ainda tive que limpar o oleado da assorda entornada. Veja, meu amigo! No fim de tudo isto, ainda as mulheres querem o direito de voto.

*4-Junho-913*

## PRAXÉDES E AS FESTAS

O Praxédes estava hoje de manhã, lunêta encavalada no narís, examinando com atenção o cartás das festas.

—«Então como vae o amigo?

—«A pé para a repartição. De caminho estou a vêr este negocio das festas, porque a familia não me larga para dar ao chinélo durante a semana que vem.

—«Que diabo! Não faltam divertimentos, interrompi eu.

—«Realmente isto está regularmente organizado. Estou a tomar nota d'aquilo que se pôde vêr de graça.

--«De graça!

---«E' verdade. O dinheiro está caro e este mês -- a proposito das taes festas -- tenho um penacho novo para um chapéu velho da minha mulher, um fato á maruja de linho para o Quico e um vestido para a Fifi. De maneira que já fiz o meu programa. Todas as noutes vêr as iluminações, que são pelo amor de Deus. Para os cortêjos e outros pagodes semelhantes, lá estamos caídos na Avenida para cima da Rua das Pretas, nos talhões onde não ha cadeiras do Asilo. Vendedeiras de flôres e outras meninas, que andam a querer impingir coisas á gente, não se lhes liga importancia. O Alfredo, o meu mais velho, que vá vêr as regatas para a muralha do Aterro e as provas desportivas para cima

dos muros dos recintos. A's revistas no Hypodromo vae o Quico com um primo que tem da mesma edade, recommendação de não sujar as calças novas e uma verba de quatro vintens para ida e volta no electrico até Belem. Os aeroplanos, isso vê-se da janela da cozinha lá de casa. De maneira que, tiradas as despêsas do penacho, do fato e do vestido, devo fazer as festas — carros, capilés, etc. — com quinze tostões. E não é por isso que me hei de divertir menos...

E Praxédes deu-me a mão, que é a unica cousa que um empregado publico pôde dar sem prejuizo a um amigo.

*6-Junho-913*

## PRAXÉDES E AS FLORES

Praxédes não acha uma graça por aí além á festa das flôres. Não lhe entende bem o sentido.

—«Se quer que lhe diga, declara-me este apreciavel amigo ali no Rocio, eu acho que isto de flôres... Não sei bem. Ele é bonito, efectivamente e tem um cheiro bastante agradavel; mas não acho que seja dinheiro bem gasto. D'uma vez, quando me disseram que se vendem cravos a cinco tostões cada um, fiquei patêta. Eu cá n'essas cousas, quando namorava a minha Genoveva, ás vezes lá punha uma flôr ao peito e n'um dia em que ela fês anos, fui á Praça — ha que tempos isso foi! — e comprei um ramo de desoito vintens, muitissimo bom e com um papel todo em bicos á roda. Desde então, lá em casa é raro haver flôres. A minha senhora lá tem umas de papel no oratório, feitas por ela e que aquilo só lhes falta cheirar; mas ainda assim as moscas dão cabo de tudo.

—«Então você, ao jantar, não gosta d'umas flôres n'uma jarrinha bonita?

—«Eu, quando estou a comer, não repáro n'essas cousas. A minha pequena, a Fifi, andou-me a seringar que tempos para eu lhe comprar uns vasos, de pôr na varanda. Uma porcaria! Encheram-me a casa de formigas e o Quico tantas vezes regou o jardim da

mana que lhe nascêram cogumêlos que o gato se fartou de desconsiderar...

— «Mas, ó Praxédesinho estúpido, você não sente a alegria, a frescura, a vida enfim, que se soltam d'uma simples rosa a desfolhar-se sobre uma mesa em que se escreve?

— «Isso é bom para vocês que escrevem e são poetas. Eu sou empregado publico e não ha maneira de nada me alegrar, escrevendo todo o dia: «Em resposta ao officio de Vossa Ex.<sup>a</sup>... tal, tal... Deus guarde a Vossa Ex.<sup>a</sup>...

— «Saude e fraternidade, seu Praxédes. Tenha lá cautela com isso.

— «Tem rasão. Não faça caso. Burro velho...  
É bem burro, este Praxédes.

*12-Junho-1913*

---

## PRAXÉDES E A AVIAÇÃO

O Praxédes caminhava hoje, rua do Ouro abaixo, com a prôa á reparição. Ia perplexo e absôrto e, quando lhe toquei no hombro, exclamou:

— «Tem graça. Estava a pensar . . .

— «Por isso você vae com esse ar abatido de senhora que está para ser mãe. Desejo-lhe uma boa hora para o seu pensamento.

— « . . . A pensar em si.

— «Em mim, Praxédes?

— «Sim. No que você e outros escreveram ácerca do inglês, que caiu do aeroplano no Campo Grande.

— «É então?

— «Vocês é que tem culpa dos desastres que acontecem. Naturalmente. Surge um maluco com uma idéa strambólica. Logo aparecem os poetas — vale a pena ouvir o Praxédes falar em poetas — e toca de lhe ar os *amens* em nome do progresso e do ideal. Tem você a certêsa de que o progresso tem feito algum bem á humanidade? Enquanto ao ideal, para que serve não para dar desgostos? Uns caem das ilusões abaixo outros baldeiam do alto das nuvens. É vocês, em vez de chamarem a humanidade a um terreno pratico e ao chão, que todos pisamos, toca de empurrar uns para as patacoadas do sonho, outros para os carrapitos da lua. Diga-

me cá uma coisa : quando em vez de subir a cinco mil metros, os aviadores subirem a dez mil, que vantagem ou que praser podem eles ter em andar lá em cima, n'um deserto onde não se encontra ninguem, nem mesmo um passaro? Há lá nada que chegue á gente girar tranquilamente cá por baixo, vendo montras, parando para falar a um amigo ou vêr uma perna que vae subir para um electrico, tendo a certêsa de que, se não morrer d'uma congestão, ou de uma facada, ou debaixo d'um automovel, ou com um vaso na cabeça do alto d'um quinto andar, etc., chega a casa são e escoreito?

— «Mas . . .

— «Homem, é isto. Eu, quando appareceram os aeroplanos, por brincadeira disse uma vez em casa á familia que havia de subir. Ninguem acreditou, nem eu. Você já pensou alguma vez em me vêr por ares e ventos, sujeito a quebrar os ossos? . . . Tinha graça.

Tinhamos chegado defronte do ministério das finanças.

— «Olhe : o meu aeroplano é ali n'aquella segunda janêla. Tem um capachinho para os pés e uma almofada para o traseiro. E d'ali só caio para me aposentar, que eu respeito o Afonso Costa mais que o meu pae. Viva ! . . .

17-Junho-1913

---

## PRAXÉDES E AS CIFRAS

Praxédes, hontem á noite ao chá, ao ler nos jornaes a nota do dr. Afonso Costa, ficou dez minutos olhando para tudo aquilo como um burro para um palacio.

Por fim cortando, com desvanecida expressão de orgulho no seu rosto placido, uma fatia e barranto-a de manteiga, declarou a D. Genoveva, sua esposa :

— «Aposto que não sabes, filha, quanto temos á nossa disposição no estrangeiro, para pagar o que devemos?

— «O quê?

— «Temos £. 679.261.17,6 mais Fr. 28.954,07 mais Mr<sup>os</sup> 75.535,15 = Esc. 3.124.245\$. E sabes tu, Genoveva Praxédes, o que são Esc. 3.124.245 com um cifrao adeante? São tres mil e tantos contos.

— «O' Praxédes, tu estás bebedo.

— «Digo-te isto. Vem no jornal. Tudo isto é nosso e com isto vamos resgatar as onze mil virgens, quero dizer: as onze mil obrigações.

— «O' filho. Já agora era melhor pagar aqueles cincoenta mil réis ao teu compadre, que é chefe de familia e comprar um chapéu para a Fifi, que tambem é virgem.

— «Não percebestes nada. As mulheres não percebem nada de finanças. Esse dinheiro tem outro destino. Com ele restabelecêmos o nosso crédito.

— «Olha que já não é sem tempo. Na mercearia ainda esta tarde disseram á criada que não fiavam nem mais cinco réis em chegando ao fim do mez.

— «Mau! É tu a dares-lhe com a mercearia...

— «E o Quico precisa d'umas botas para ir ao colégio.

— «Que me importam essas futilidades mesquinhas? O que enche o meu peito de orgulho é que a diferença entre o débito em 30 de Dezembro de 1912, que era de 9.327.334\$ e em 21 de Junho de 1913, que será de 4.198.250\$. Fica sendo para menos de 5.129.084\$.

— «Está bem, Praxédes. Não gosto de te contrariar; mas, olha lá, tu tens bem a certêsa do que estás disendo?

— «Como não hei de ter? Devemos menos 55 <sup>0</sup>/<sub>0</sub> do que deixámos.

— «É posso mandar faser um vestido d'alpaca?

— «Não. Suspende, Genoveva!... Pois tu ainda não percebeste que este dinheiro todo quem o tem é o Afonso Costa, que não o dá a mais ninguem?

*19-Junho-913*

## PRAXÉDES, FUNCIONÁRIO PUBLICO

O Praxédes ia hoje n'um carro electrico, congestionado o rosto, suando por quantos póros a Naturêsa lhe concedeu e bufando como uma fôca.

— «Isto está um tempo impossivel. Não é verdade, ó Praxédes? exclamei eu á guisa de cumprimento.

— «Cale a boca, seu diabo. Você não sabe que eu sou funcionário publico.

— «Mas o que tem isso?

— «Tem muito. Vamos que eu disia que o tempo estava intoleravel e que aquele sujeito, que ali vae com cara de tólo, era senador. Podia ser, não é verdade?

— «Pois bem e depois?

— «Vá que o homem imaginava que a minha observação se referia á atmosphéra politica e ia para o Senado fazer queixa ao Dr. Afonso Costa de que um funcionário publico andava no carro do Alecrim desprestigiando as instituições com um bilhete de trinta réis.

— «Não diga tolices, Praxédes. Quem fez o regulamento dos funcionários, bem sabia para o que era. Só nos faltava que a applicação d'esse codigo estivesse sujeito a um critério d'esses.

•Isso é verdade; mas...

— «Mas o quê?

— «Tenho mêdo, meu amigo, tenho mêdo.

—«Pois esse mêdo, amigo Praxédes, que você e outros manifestam com tanta frequencia, é que facilita a muitos julgarem-se autorisados a pedir açoites para quem tem tanto onde os levar. Respeite você o que tem que respeitar; mas respeite-se primeiro a si proprio e aos seus direitos de homem e de cidadão. Diga aquilo que pensa e sente e, se a sua consciencia lhe disser que procede com honesta sinceridade e no bom proposito de procurar ser util, dentro da sua pequenês, a sua terra e aos que trabalham por éla, cômá, bêba e durma tranquilo. Não tenha mêdo de papões que só o devem faser sorrir. Eles que fiquem com a convicção de que o que disem pôde ter qualquer pêso no espirito alheio e você vá vivendo e repontando sempre que entenda dever fasê-lo.

É com um aperto de mão me despedi do Praxédes. Antes de me apear, porém acrescentei:

—«Ah! É' verdade. Se os faes lhe chamarem talassa, pergunte-lhes o que eram no dia quatro de Outubro...

*27-Junho-913*

---

## SENHOR DAS PASSAS... DO ALGARVE

A esposa do Praxédes tinha feito, ha tempos, uma promessa ao Senhor dos Passos. O Quico apparecêra com uma borbulha no cachaço e uma senhora, que é visita da casa, receiptára :

— «Donham-lhe tintura de *ódio*...

A vizinha de cima antes era de opinião que se lhe applicasse umas papas. O Praxédes inclinava-se para o velho basalicão dos nossos avós, que até puxa mortos de debaixo da terra ; mas uma prima de D. Genoveva, solteirona e filha de Maria, essa decretou :

— «Isso não rebenta sem uma promessa ao Senhor dos Passos. Basta uma véla de cinco tostões. Verão como o pequeno melhora.

O Praxédes ainda indagou se uma vela de dôse vintens não daria o mesmo resultado.

— «Isso sim, explicou a beata, Por dôse vintens rebenta ; mas não sae o carnicão.

Ficou a coisa n'uma véla de corôa e, d'aí a dias, a borbulha rebentou, como, de resto, é habito de todas as borbulhas.

Ante-hontem, sexta-feira, D. Genoveva conseguiu do cerieiro uma véla de sofrivel tamanho por quarenta e cinco centavos e marchou para a Graça a oferecêl-a ao Senhor dos Passos. Antes de chegar ao largo, um su-

jeito, grave e sério, acercou-se da *madame* Praxédes e indagou:

— «Vossa Ex.<sup>a</sup> vae á igreja? . . .

— «Sim senhor . . . Vou lá levar uma véla.

— «Então dê cá que fica entregue.

— «Mas quem é o senhor? Que tem que vêr com o Senhor dos Passos? . . .

— «Sou irmão d'ele. Não vá á igreja que é tempo perdido. O tempo está interdito por ordem do sr. Patriarca. Dê cá a véla, que eu depois a entrego.

— «Nada. Sempre lá vou acima.

N'isto acerca-se outro cavalheiro, que pergunta:

— «A senhora vae levar alguma coisa ao Cidadão dos Passos?

— «Ia levar uma véla; mas estavam agora dizendo que o Patriarca não quer que se vá á igreja.

— «O Patriarca não manda nada n'estas coisas. Quem manda é o Afonso . . .

— «Qual Afonso?

— «O Costa . . .

— «Ah! O Dr. . . .

— «Esse mesmo. É nós, os membros da cultural, cá estamos para tudo o que fôr necessario. Já se arrombou o camarim da imagem, recebem-se as esmolos, se fôr preciso diremos missa e, para o Senhor dos Passos não perder o costume de ir a S. Roque, qualquer dia levamo-lo ás costas até ao orgão do nosso partido. O novo regimen não consente monopólios, nem mesmo o da religião . . .

— «Não vá, que fica excomungada, gritava o da irmandade.

— Não acredite. O Afonso Costa até bate no Pápa, se ele se fiser fino, berrava o da cultural.

Hesitante, D. Genoveva retrocedeu com a véla. A' noite, como era véspera de S. Pedro, o Quico sacou ao pae dinheiro para meia dusia de balões, cortou a véla em bocados e iluminou a varanda. E o Senhor dos Passos, que tanto lhe importa o Patriarca como o dr. Afonso Costa, nem por isso deixará de rebentar outra borbulha que o garôto venha a ter.

*29-Junho-1913*

---

## PRAXÉDES ENCRAVADO

Hoje de tarde entra-me pela redacção Praxédes encalmado, súado, com a viseira caída de quem trás grandes preocupações debaixo do couro cabeludo. Chamou-me de parte ao vão d'uma janela e, pegando-me afetosamente por um botão do colête, murmurou-me em vós meiga :

— «Você é meu amigo ?

— «Se sou !

— «Palavra de honra ?

— «Palavra . . .

— «Estou nas suas mãos. Só você me pôde salvar. Ha tres dias que ando aflitissimo da minha vida.

— «O' Praxédesinho, se não é dinheiro . . .

— «Não é. A minha aflição é esta : o Quico não faz ideia nenhuma dos factos mais notaveis do reinado de D. Sancho II.

— «O Gordo ?

— «Não. Um que foi rei de Portugal.

— «É depois ? Que tem isso ? Tambem eu não sei e nem por isso deixo de viver satisfeito.

— «Mas a desgraça é que o Quico vae fazer exame.

— «Ah ! Percebo. Quer que eu ensine ao seu pequeno o que se passou no tempo do tal Sancho.

— «Não.

— «Então o quê?

— «Quero que me arranje um empenho para o lente. Você calcula lá! Ha quinze dias que não faço outra coisa senão correr atrás d'uma carta de recomendação. Eu já fui ao Caminho de Ferro a casa d'um doutor que me disseram que era especialista em doenças de escrever ao professor. Estava fóra. D'aí fui ao Dáfundo a casa de uma senhora viuva, que é muito amiga da mulher do homem. Tornou a casar e está na lua de mel. Dissêram-me depois que um vidraceiro na rua da Prata tinha o professor na mão. Era mentira. Aconselharam-me que fôsse a Sacavem, onde móra um irmão do lente. Estão de mal. Já escrevi para o Porto e indicaram-me uma corista a quem o tal sujeito não podia recusar nada. Afinal a corista está agora com um cadête. Já pedi bilhetes para quatro senadores, para o dirêtor geral da instrução publica, eu sei lá! . . . De subito, tive a ideia de procurar um jornalista. Vocês conhecem toda a gente . . . Poder-se-á arranjar a coisa?

— «E ouça-me cá: enquanto você anda n'essa lufalufa, o qua fás o menino Quico?

— «Está em casa a desfiar casulos de bichos de sêda, de que fás criação todos os anos.

— «Ora em vês de estar entretido n'esse grave problema, não era melhor que estivesse a estudar o D. Sanchô e não era preferivel que V. lhe puxasse, de quando em quando, as orelhas em logar de andar á cata de empenhos para o seu insecto?

— «Homem? Tem você rasão. Nunca tinha pensado n'isso.

## A PONTUALIDADE

Encontrei hoje Praxédes amigo, encostado a um candieiro. Mal me viu, acenou-me com a mão sapuda e, tendo-me abraçado pela cintura, soprou-me no tubo do ouvido :

— «Já sei porque Portugal anda atrasado meio seculo.

— «Sim? Porque é, Praxédes?

— «Porque nos falta em absoluto, a todos nós portugêses, desde o mais inteligente ao mais estúpido, a noção mais elementar da pontualidade. Ninguem tem horas certas para se levantar, para se deitar, para jantar, para trabalhar. . . Você vae a um altaiale, chora como uma creança para ter um fatinho novo na quinta feira ás tantas, porque n'esse dia quer fingir de janota em determinado sitio? Mandam-lhe o fato na terça feira da outra semana e ainda tem emendas. Fás umas compras n'uma loja, e supplica que lh'as enviem a casa n'essa tarde. Remetem-lh'as no dia seguinte á noite. Sapateiros e mentirosos são da mesma familia e o resto regula-se pelo mesmo codigo. Você espéra um dinheiro para satisfazer umas dividas urgentes? Só chega, quando vem, depois de você passar martirios e vergonhas e ter desequilibrado a sua vida. E é tudo assim. Os jornallistas escrevem á ultima hora. Os medicos têm horas marcadas para consultas e chegam fóra d'elas. Os advoga-

dos juram tratar d'uma questão n'um mês e levam seis para a resolver. As sessões parlamentares são sempre prorogadas. Nunca ha numero para as assembleias geraes. As primeiras representações são sempre adiadas. Os comboios chegam tarde, os electricos passam quando bem lhes apetece, os vapores andam fóra das tábelas, o correio fóra dos eixos, que sei eu . . . Pois se até os relogios se atrasam constantemente! Ora meu caro amigo; enquanto não tivérmos habitos de pontualidade—que é como quem diz de seriedade e de pundonôr—nunca isto se ha-de indireitar.

Praxédes tinha rasão. Pús-me a pensar em todos os compromissos a que tenho faltado — quanta vês por culpa dos outros — e ia manifestar a minha adesão ás ideias praxedianas, quando vêjo o nosso amigo bater na tésta, apertar-me a mão rapidamente e deitar correndo.

— •Onde vae você, homem? inquiri, detendo-o pelas abas da véstia.

— •Lembrei-me agora que tenho um sujeito á minha espéra desde as onze horas á esquina da rua do Ouro para o Rocio . . .

— •Vá, que já são duas da tarde . . .

Praxédes deu uns passos e, voltando atrás mais sereno, declarou-me sorrindo:

— •Já agora não vou. É d'aí se calhar, o tal marau nem lá pôs os pés . . .

*9-Julho-913*

---

## A CURA DO SILENCIO

O nosso estimavel Praxédes veiu hoje visitar-me. Depois de lhe agradecer o seu cuidado pela minha saude, reparei que o nosso amigo apresentava uma das bochêchas singularmente inchada e vermelha.

— «Que diabo é isso na cara, ó Praxédes? E' dente furado?»

— «Nada d'isso. Eu lhe explico. A minha Genoveva, a minha mulher, tem, como sabe, o vicio de ralhar. Ralha de manhã, porque peço agua para os pés; ralha ao almoço, porque estou a ler o jornal; ralha ao meio dia, porque saio de guarda-chuva estando o dia bonito; ralha á tarde porque venho cêdo; ralha á noite porque venho tarde. Emfim é uma bramação constante. Só Deus sabe o que ouço desde que me levanto até que me deito... Um inferno! Ora hontem eu, ao ler a minha gasetta, descobri o seguinte sueltto: *«Em Inglaterra um medico descobriu que uma das maneiras de conservar no rosto uma perpetua mocidade é fazer uma cura de silencio. O uso e sobretudo o abuso da palavra originam toda a sorte de rugas, de rictus nervosos, de pés de galinha, etc. Muítas elegantes iuglêsas têm adótado o sistema de se redusirem ao mais completo mutismo e têm obtido excelentes resultados.»*

— «E' curioso.

— «Mal li aquella historia, lembrei-me logo da Geneveva e, como quem não quer a coisa, deixei o jornal muito dobrado, com o artigo bem em evidencia, sobre a cômoda. A' tarde, ao voltar para casa, minha mulher estava dando uma terrivel sarabanda na creada. «Não leu ainda o jornal», disse eu cá comigo e, por todas as fôrmas e maneiras, fiz a diligencia para que a atenção da minha metade caísse sobre a gasêta. A' nouite, ao arrumar umas cousas, os olhos de Geneveva pousaram finalmente sobre o artigo e, mal leu, exclamou: — «O' Praxêdes! Vou estar um mês sem dar palavra». — «Mas porquê, filha? — indaguei eu hipocritamente. — «Lê! — me ordenou ela apontando o suelto. Fingi que lia e no fim disse: — «Acho que fases muito bem. Isto deve ser um grande remédio!» D'aí por diante a minha mulher nem pío. Calcei peugas lavadas á terça feira e ela moita. Saí de guarda-chuva com um lindo céu azul e ela nada. Vim mais tarde da repartição e ela muda como um peixe. Contentissimo com a minha ideia, eu andava radiante. Hontem ao jantar, na altura do arrôs de substancia, — catrapús! — entórno um côpo de vinho sobre a toalha. Estava eu disendo comigo: — «Olha que descompostura eu levava agora, se a minha Geneveva não estivesse a faser a sua cura de silencio...» eis se não quando... Ah! meu amigo...

— «Que foi? — indaguei eu interessado.

— «A Geneveva levanta-se e arruma-me um par de galhêtas, uma de cada lado, que me deixaram as bochêchas n'este estado. Ora bólas para a tal cura do silencio!...

## A LINGUA PORTUGUESA

Encontrei hoje Praxêdes na rua, com seis ou oito volumes debaixo do braço. De longe parecia o sr. Teófilo Braga.

—•Viva, seu Praxêdes. Tem gosado bôa saude?

—«Não; mas tenho o guarda-chuva da minha sogra.

—•Vovê está doido?

—•Não estou; O que estou é, apesar de velho, a apresentar linguas. Não vê?

E mostrou-me os volumes que levava e que eram o *Francês sem Mestre*, o *Inglês sem Mestre*, o *Calão sem Mestre*, etc.

—«Para que diabo é tudo isso?

—«Para quê? Para poder entender os meus patricios. Hoje quem em Portugal não poder manejar seis linguas, além da que tem na bôca, é um homem tramado.

—•Como?

—«Pois você não repara? Já ninguem fala português. As tabolêtas por exemplo; um café é uma *brasserie*; uma modista, ainda que seja no Regueirão dos Anjos, é *Modes et confectious*; os barbeiros já se não contentam em ser *coiffeurs*, também são *hair dressers*. Pois se até as engomadeiras são *planchadoras*. . . Nas casas de pasto—perdão, nos *restaurants*—já não se sabe o que se cóme. O bacalhau com batatas é *morue aux pommes*, *sauce vinaigrette*, o rabo de boi é *oxtail*, o queijo é *fro-*

*mage*, a conta é em centavos e o trôco *superavil*. Nos animatografos, os discos das fitas são escritas em hespanhol, em galêg<sup>o</sup> ou em bundo. Agora, para mais ajuda, até os jornaes são escritos em estrangeiro.

— «Os jornaes?»

— «Sim senhor. Ha dias vi n'uma crónica de *sport* a noticia dos *matchs* de *foot-ball* — vá ouvindo — dos nossos *players* no Rio de Janeiro. — «Vamos lá a ver — disse eu comigo — que tal se portou a rapasiáda lá fóra». Pois, meu amigo, li o seguinte: «A saída foi do *team* alvi-negro, cujos *forwards*, valentemente ajudados pelos *halves*, *schootaram* ao *goal* sem exito, porque o *referee* notando um *focel* ordenou um *frickrick*. A seguir, os *players* adversos organisaram um belo *rusk*, que o *keeper schoota* ficando um dos jogadores *offside*. O *center-half* ocasiona um *corner*, não aproveitando um passe do *out-sideright*. O *back dribla* todo o *scrath*, aumentando consideravelmente o seu *score*...

— «O' homem! Páre lá com isso que eu já estou agoniado...

— «É diga-me você como ha de uma pessoa contar o que se passou á familia com uma algaravía d'estas? É' o que lhe digo: já ninguem fala portugûes. Em casa os meus rapases não falam senão calão. O Alfredo, o mais velho, acha que isto do presidente estar melhor é *canja*. O pequeno, o Chico, não quer ir para o liceu e diz que *não vae n'esse bote*. Que hade fazer um homem de cincoenta anos n'uma situação d'estas? Estudat. Eu ando na Escola Academica. Para amanhã tendo o verbo *acoucher* e o plural dos substantivos chinêses terminadôs em *tchim*. Veja você a minha vida...

## PRAXÉDES VERANEANDO

Andava em cuidado. Não via o Praxédes ha que seculos e mandei-lhe ha dias um postal, indagando da sua saude. Recebi ante-hontem, em resposta, o seguinte postal :

*Meu caro amigo*

*Não admira que me não tenha visto. Pedi um mês de licença na repartição e estou «dentro». Venha cá amanhã jantar.*

*Seu — Praxédes*

Fui correndo até á rua de S. João dos Bemcasados. A' esquina, na paragem dos electricos, encontrei o nosso homem de calça branca e camisa móle, um varapáu na mão, que me abriu os seus braços amigos.

— «Vim esperal-o á estação.

— «Então como vae isso?

— «Ótimo. Não calcula que bem que se passa aqui o verão. N'outros anos temos ido para Santo Amaro ou para Campolide, conforme apetecia mar ou campo lá á minha gente. Disparate, meu amigo. O unico sitio onde se está bem com estes calores é ali . . .

É apontava-me o terceiro andar direito, onde móra, vae para desoito anos.

— «Pois é verdade! De manhã cedo levantamo-nos

e vamos ao banho. Comprei uma banheira grande. Não calcula que belêsa e não ha perigo do pequeno se afogar. Depois do banho, almocinho. Aqui n'este sítio, não é como n'outras estancias de verão: ha de tudo, peixe, carne, o que se quer. Depois do almoço, as senhoras entretêm-se na lide da casa, o Quico joga o seu bocado de *foot-ball* no sotão e eu leio os jornaes. Imagine você que até tenho gasêtas no proprio dia! Depois aê ao rebentar das duas, sêsta. Antes de jantar, vamos até ao campo.

—•Ao campo?

—«Sim. Para a varanda. Comprei cinco vasos e um caixote com uma nespereira. As senhoras sentam-se a faser *crochet* e eu entretenho-me a não fazer nada. Quando estou cançado, puxo do relógio e verifico que são horas da comida. Jantamos á fresca, janélas abertas. Não ha moscas, nem ha poeira... A vida é béla! A' noite vamos para o Casino. Sim, para o Casino. Ponho a caixa de musica a trabalhar e a Fifi dança com o Quico. Eu, que me pélo por jogar o meu bocado, mando a creada para a porta a vêr se vem o Afonso Costa, e até ás dez horas é um lôto com a minha Genoveva que o meu amigo não imagina. A's dez, chá e torradinhas. A's onze, cama. Tenho passado um verão admiravel, Até tenho uma bilha com agua fresca, Ha só um contra...

—•O que é?

—«É' que me apresento no dia um. Custa-me tanto regressar a Lisboa!...

29-Agosto-913

## PRAXÉDES MILITARISTA

Praxédes lá estava hontem a vêr passar a tropa que marchava para a escola de repetição. A' noite não se contêve que me não entornasse por cima o seu entusiasmo.

— ‘Ah! meu amigo! Palavra de honra que ha muito tempo não via nada que mais me enchesse as medidas. Andavam para aí apregoando que já não tinhamos exercito e eu, posto que não entenda nada do assunto, regalei-me de vêr aquela rapasiada toda, desfilando de espingarda ao hombro. Desde as paradas do 24 de Julho, não tinha tornado a vêr tanta tropa junta. Uma das cousas, então, que me deu no gôto foi que, antigamente, olhava-se para os soldados e não se conhecia nenhum. Davam a impressão de que os tinham alugado para vestir a farda, pôr um penacho e apresentar armas. É agora não. Não se ouvia senão dizer: — ‘Lá vae o Joaquim! Olha o Antonio! Olha o marido da Quitéria!’ — E rapazes finos então?! Só a minha mulher contou quatro namôros, que foram da minha Fifi. Pelos modos, ia lá um que tem setecentos contos e dois automoveis e eu disse adeus a uma porção de filhos de familia. Sim, senhor, agora! sim. Exercito para todos; mochila para pobres e ricos. Assim é que se entende. N'outras éras era um escandalo. Só os pobres diabos é que se viam com as

correias no lombo. Pouca vergonha! Assim havemos de ter soldados, já não passaremos vergonhas, já não nos alirarão constantemente á cara com a nossa fraquêsa. Foi sempre assim que eu entendi que devia ser o exercito.

○ Praxédes estava bêlo de patriotismo guerreiro. Perguntei-lhe então :

— «Você, no seu tempo, onde assentou praça?

— «Eu? respondeu-me o nosso amigo. Fui refratário; mas arranjei a cousa com empenhos e, para que ao meu filho lhe não succedesse o mesmo, livreii-o ha anos pela junta.

*2-Setembro-913*

---

## PRAXÊDES BAILARINO

Esta tarde, estava eu mirando a tabolêta do Largo das Duas Igrejas anunciadôra de que ali se ensina o tango argentino, quando vi o Praxêdes enfiando pela escada da escola de dança :

— «Onde vae você? — indaguei eu.

— «Deixe-me cá. Ando com idéa de aprender o tango.

— «Você?

— «Sim, eu. São os incomodos de ser pae de familia. A minha filha, a Fifi, não me fala n'outra coisa. Todos os dias me vem ler os jornaes e contar-me que o principe dos Abruzos ganhou um prêmio n'um concurso de tango, que não ha chá das cinco horas lá fóra que não mêta tango e até me disse hoje que um tal Richepin, que, segundo tenho ouvido diser, é um rapás francês, que escreve muito bem, vae fasêr uma conferencia sobre o tango. A Fifi não me larga para que lh'o mande ensinar. Ao que parece, este inverno, vae-se dançar imenso no Club União Fantasia 5 de Outubro, onde eu a levo às vezes. Ora, como tenho ouvido que o tal tango é a modos um pouco livre e que as meninas têm de mostrar a gambia mais do que o costume, eu, que sou do tempo da valsa a três tempos e da eracoviana, venho vêr primeiro.

— «Não faça nada d'isso, amigo Praxédes. O tango já vae a passar de moda, não digo cá, onde todas as novidades chegam quando estão feitas em pó nos países de origem, mas em França. A novidade do inverno vae se a *Turkey-dance*, a dança do Perú.

— «Do Perú? Isso sim, é que me deve ficar bem á elegancia. Mas isso com certêsa? É como é?

— «Não sei, meu amigo. Está fazendo succêso na América e deve chegar a Paris no próximo correio. Segundo me consta, os dançarinos terão que imitar nos diferentes passos os elegantes meneios d'aquele pássaro que você costuma comer pelo Natal.

— «Que me dís?

— «Juro-lh'o pela memória de Justino Soares.

— «Com que então o passo do Perú? Boa vae ela. Já ouvi falar na Dança do Urso pela Gaby Deslys e no bailado da Pulga por umas desvergonhadas hespanholas. Louvado sêja Deus! Ao que chegou o homem! Bem, meu amigo, visto isso fico esperando a vêr em que pararam as danças.

— «É' melhor, amigo Praxédes.

— «Confío em Deus que havemos de chegar á contra-dança do Kágado e da Tartaruga e então é que eu quero vêr quem nos põe o pé adeante, a mim e á minha Genovéa.

13-Setembro-913

## PRAXÉDES VIGIADO

Quando esta manhã me crusei com o Praxédes, debaixo da Arcada, ele puxou-me para o patamar d'uma escadaria e disse-me :

— «Imagine que hontem apanhei o maior susto da minha vida. Minha mulher e minha filha viéram esperar-me aqui ao ministério para irmos ao Grandéla faser umas compras. Um coléga meu tinha estado a conversar comigo a respeito das ultimas trapalhadas da nossa terra e havia-me contado que ha uns grupos para vigiárem os monarquicos, outros grupos para vigiárem estes grupos, uns terceiros grupos para vigiárem os segundos, o diabol! Falou-me em *Formigas brancas*, em *Mineiros do Sul...* o inferno. Fiquei inquieto e nervoso. Isto de associações secréτας faz-me uma impressão terrivel. Saio da roça, encontro a familia á porta e metemos á rua do Ouro. Eu olhava desconfiado para quem passava, porque eles não trasesem leteiro e perguntava a mim mesmo ao vêr determinadas caras : — «Este será Formiga do sul ou Mineiro branco?» N'isto, passa um rapaz bem posto e, ao passar por nós, deu uns passos e parou. «Mau! disse eu com os meus botões. D'ali a bocado, olho para trás. O tipo vinha-me seguindo e disfarçou a mirar uma montra. Eu levava uns chinélos de trança, que uso na repartição, embrulhados debaixo do braço e pensei : «O

maldito é capás de imaginar que isto é uma bomba. Ora a minha vida . . . » Deliberei perdê-lo no Grandéla. Isso sim! O maroto deu todas as voltas que nós demos. Saímos, tomámos um carro. O homem na plataforma. «Que sarilho!» lamentava-me eu em silencio. E já me via prêso, encercado com varios facinoras, incomunicavel n'uma esquadra e apodrecendo no Limoeiro! Chegados a casa, fui de rastos espreitar á janéla. O Formiga lá estava metido n'uma porta defronte. A' noite vamos para o animatógrafo. Pois, desde que saímos de casa até que voltámos, o homem não nos largou, Você pôde lá imaginar o susto em que andei, até que, ás tres e meia da manhã, não tendo ainda podido pregar olho, acordei a Genoveva e disse-lhe: —«Oh Vévasinha, sabes?... Estamos perdidos. A policia anda atrás de mim.» —«A policia! Qual policia?...» —«Policia não bem. E' coisa parecida. E' um Formiga branca.» —«Homem, explica-te...» —«Tu não viste aquele rapaz de flôr ao peito e bigode torcido, que andou hoje toda a tarde e toda a noite atrás de nós?» —«Vi e então?...» —«Pois esse homem, Genoveva, é nem mais nem menos do que um terrivel afiliado d'uma sociedade secréta, que imagina que eu sou conspirador.» —«Qual historia! responde-me a Genoveva. E' o novo namôro da Fifi... Já se falam ha três dias. Dorme, homem...»

—«Ah! meu amigo, concluiu Praxédes, você não calcula o pêso que a minha mulher me tirou de cima.»

27-Setembro-913

---

## EDUCAÇÃO FEMININA

Ao encontrar esta tarde D. Genoveva Praxédes e sua filha D. Fifi, vinham elas saindo do Grandéla com muitos embrulhinhos pendurados nos dêdos. Convidei-as a tomar uma chavena de chá n'uma pastelaria. D. Genoveva recusou :

—«Chá, não. Nós só *tomêmos* chá á noite...

—«Então um calice de vinho fino com uns dōces?...

—«Visto o cavalheiro ser tão delicado, não diremos que não.

Abancados, d'ali a cinco minutos, deante d'um prato de pasteis, que as Praxédes começaram logo tratando por tu, julguei dever indagar :

—«Então quando se casa a D. Fifi? O papá disse-me n'outro dia que tinha namôro...

A Fifi sorriu, metendo a ponta do narís na nata d'um pastel. A mãe explicou-mo :

—«A minha filha é uma *desinfeliz* n'esta cousa dos namôros. Hoje em dia, os homens são muito exquisitos. Quer o senhor saber o que lhe aconteceu com este ultimo? O rapás parecia sério, tinha emprêgo e andava sempre a mudar de colarinho. N'outro dia escreveu a Fifi disendo que me queria falar e eu mandei-o lá ir a casa a horas em que o meu Praxédes estava na reparti-

ção. O rapaz apresentou-se, limpou os pés no capácho, entrou para a sala e vi que era pessoa de boas intenções, porque trasia guarda-chuva.

—«Minha senhora, me disse ele, simpatiso devéras com sua filha».

—«O' cavalheiro, disse-lhe eu muito delicada, faça de conta que está em sua casa».

—«Estou mesmo disposto a casar com ela; mas antes de fazer um pedido em regra e comprar um guarda-fato de espêlho, precisava de conversar com V. Ex.<sup>a</sup> acêrca da educação da D. Fifi.»

—«Pois não, concordei logo. Saberá V. Ex.<sup>a</sup> que a minha Fifi é muito prendada. Andou no colégio d'uma senhora minha conhecida até aos dôse anos e tem tido muitas professoras em casa. O pae tinha menses de gastar quatro mil réis só com mestras. Fala o seu bocado de francês e até tem um livro para responder a todas as perguntas, que lhe fisérem n'esse falar estrangeiro. No piano é uma belêsa. Só se atrapalha um bocadinho no Fado de Sete Rios — o cavalheiro já deve ter ouvido falar — mas a valsa essa sabe-a toda. Bordados, basta mostrar isto...» E mostrei-lhe aquele cão em ponto de cruz que está na parede. Lembra-se?...

Eu disse que sim com a cabeça e felicitei com um olhar a D. Fifi, que agradeceu com outro.

—«A Fifi sabe dançar, canta a *Princêsa dos dôlars*, e ficou aprovada em instrução primária logo á terceira vês.» O homem olha para mim e pergunta-me: — «Qual é a opinião da D. Fifi ácerca do frango de cabidela? — «Gosta muito.» — «Não é isso que eu pergunto. Sabe cosinhar alguma cousa ou dirigir uma creada?» -- «Não

senhora», atalhei eu já muito dura com a impertinencia. «E a respeito de tratar de roupa branca? continuou o atrevido. Preciso de vêes em quando d'umas passagens n'ela e não me convinha que m'a bordassem a mis-sanga.» — «Isso tambem não é com a Fifi. Não foi essa a educação que lhe démos. Ensinâmol-a, fique sabendo, para mulher de duração e não para mulher a dias. Escusa de perguntar mais nada, ponha-se lá fóra e não olhe mais para a minha filha, quando não faço queixa ao meu marido. Já percebi que o que o senhor queria era uma creada. . . .» — «É' que, minha senhora, ganho quarenta e cinco escudos por mês e. . .» Ai! meu querido senhor. . . Quando ouvi o homem falar em tal insignificancia, eu, que me lembro o que passei com os trinta mil réis que o Praxédes ganhava quando nos casámos, perdi a cabeça. Chamei-lhe pelintra, pindérico e, como na escada, o paspalhão me explicasse que, ganhando pouco, precisava de quem lhe administrasse a casa com zêlo e economia, não me poude conter:

— «Ah sim! Então vá casar com o dr. Afonso Costa, seu talássa, seu carbonário. . .»

3-Outubro-913

## PRAXÉDES ENCRAVADO

A's sextas feiras tómo ás vêses chá com Praxédes. Nem todos pódem comer as torradas do schah da Persia e eu tenho a fraquêsa de estimar esse estimavel burguês, prototípo das qualidades médias da nossa gente alfacinha. Encontrei-o consternado. Tinha a *Capital* entre as mãos e mirava-lhe o folhetim com o ar perplexo d'um porquinho da India a quem déssem a lêr o orçamento.

— «Não percebo nem meia, meu caro amigo. Esperava com anciedade o folhetim do Dr. Julio Dantas, de quem vi representar a *Sevéra* e até sei de cór aquele bocadinho da «Ceia dos Cardeaes»...

*Uns sinos a tocar.*

*Um parsinho que ajoélha e que se vae casar.*

Lembra-me sempre quando casei com a Genoveva. Tocavam os sinos e doíam-me os calos d'umas terriveis bótas de polimento, que estriava n'esse dia. Ha coisas que não esquecem. Pois comecei a lêr *A Patria Portuguesa* e não entendi patavina. Quis explicar ao Quico o que era um perponte e não soube. A Nini queria saber o que eram balegões e eu fiquei na mesma. A Genoveva não percebeu o que eram cerofálos e eu não lh'o soube disêr. Eu tenho a certêsa que aquilo é português; mas não deve sêr aquêle que eu fálo.

—«Não é, não, Praxédes amigo, respondi eu. Que culpa tem você que de cem mil vocabulos ou mais, que deve ter a nossa lingua, nunca lhe tenham mostrado, nos jornaes e nos livros que você lê, mais de quatro ou cinco mil? Se aqueles que têm obrigação de saber a lingua que falam ou que escrevem: oradôres celebres e escriptôres illustres, ignóram quasi todos a riquêsa do nosso falar e não lhe buscam as preciosidades, como diabo hade você, que não tem tempo para ser estilista, entender a escriptura d'alguem, que empreendeu justamente essa obra de insuflar antigas forças n'uma lingua, que vae morrendo aos poucos e que só se enriquece de calão soês? Você não tem culpa e é para o meu amigo que se vae fasêr, a par do folhetim, um dicionário de portugûês, visto que não sabe senão falar «Praxédes».

8-Novembro-913

---

## PRAXÉDES INFORMADO

Esta manhã batêram-me á pórta de manhã cêdo. Era o Praxédes e vinha radiante.

— «Sabe, meu amigo? Tenho feito um figurão. N'outro dia, envergonhado com o que você me disse, deco-rei o vocabulário do Dr. Julio Dantas. Estou agora habilitado a conversar com o proprio D. Afonso Henriques. Hoje mal saltei da cama, disse para minha mulher :

— «Genoveva. Presumo que temos insétos nos almadrâques do leito da trescamara. Não seria mau mercar uns pôses do alquimico Keating no mësser droguista.

E, como a Genoveva me mirasse assombrada, berrei para a creada :

— «Sérva Balbina ! Engraxae-me os balegões, que vou de longada para a repartição.

Ao almôço, vi a Nini chorosa. Indaguei da minha mulher as causas do desgosto e, tendo-me ela dito que o cadête de cavalaria, que a namorava, lhe tinha mandado por um galêgo as cartas e o cabêlo, beijei a pequena na testa e disse-lhe :

— «Avonda de prantejar, filha minha. Não curteis suídas por esse cavalheiro, que não passa de um virós-cas e d'um refinado guadamacim...

E acrescentei para a elucidar :

— «... espécie de coiro trabalhado e doirado...

Pouco depois marchei para a repartição. A' entrada, encontrei o Fortunato Pires, que tinha estreado um fato cheirando a Zé Clemente a duas léguas de distancia.

Não me contive que não exclamasse :

—«Será possível? Um perponte de bom estanforte por quatro escudos e cincoenta centavos!...

D'ali a bocado, um meu vesinho de carteira começa a falar-me na protecção descarada que a Hespanha tem dispensado aos conspiradores.

—«Ah! que se eu tivesse os meus vinte cinco anos, exclamei eu, galgava a fronteira e passava todos os hespanhoes a fio de adaga.

—«Para quê, Praxédes? perguntou-me o coléga.

Arregacei a manga d'alpaca, recostei-me no escano e expliquei :

—«Barriga *del Separado!* Para quedar-me *solo* com todas *las espanhuelas!*

De então para cá, lá na repartição não me chamam senão o senhor D. Praxédes do Bem que falas.

11-Outubro-913

---

## INIMIGOS

Praxédes, alma ingénua e confiada, disia-me ha dias, n'um tom desconsolado e lacrimôso :

— «Imagine você, meu caro, que descobri que tenho inimigos. Você conhece-me por pessoa decente. Nenhum mal tenho feito ao meu semelhante e algum bem tenho procurado faser-lhe : trato de viver a minha vida, sem acotovelar o proximo e evitando discrétamente que me pisem os cálos. Tenho, é facto, esta dóse de má lingua que a todo o portuguezs compéte ; mas não calunio, nem invento perfidias. Cultivo as minhas sympathias e nunca vou além da antipatia, desconhecendo o ódio. Sou amigo dos meus amigos e, em pás com a minha consciencia, supunha não ter inimigos. Afinal, pessoas bem informadas têm-me comunicado que são exactamente as que me apertam a mão e me sorriem as que, na minha ausencia, peóres referencias me fasem. Imagine, meu caro, que até me chamam nomes feíssimos. Estou desolado.

— «Anima-te, Praxédes amigo, respondi-lhe então. Porque te desconsolas de cousas que, afinal, são logicas e humanas ? Por mais que tu suponhas que não embaraças o teu semelhante, sempre lhe has-de ir magoar o interesse, a vaidade, que sei eu ! . . . Uns serão teus inimigos por uma rasão determinada, exacta ou exagerada, outros sêl-o-ão sem saber ao certo porquê ; uns

por conta propria, outro ainda por conta alheia... A rasão de teres inimigos não está tanto na tua maneira de sêr ; mas principalmente na naturêsa íntima d'elles. Se te molêsta a injustiça de facto, consola-te disendo aos teus botões que ninguem escapa ao que tu considêras um flagêlo. Se os santos quasi todos foram martírísados, tu, que deves ter defeitos, apesar de os não conheceres, não te indignes contra os que se limitam a maldizêr-te na ausência. Quanto ao facto de certos te apertarem a mão, quando pelas costas te abocanham, não te aflijas, porque bem mais vexados do que tu devem ficar os que praticam essa baixesa. Continua a fasêr de conta que ignóras a maldade que te cêrca, dando, porém, a entender quando possas que estás precavido contra ela. E trata de ter três amigos. Três amigos são mais poderosos que três mil inimigos. E ri-te do résto, Praxédes...

*30-Novembro-913*

---

## PRAXÉDES EM SARILHOS

Praxédes propôs-me hoje o seguinte problêma :

— «Ha de haver os seus quinze ou dezoito anos tive os meus dares e tomares com uma dama hervanária para as bandas do Socorro. Na minha qualidade de homem casado e pae de filhos, fis a cousa com o maior segrêdo. A' minha mulher, D. Genoveva, uma sua criada, quando teve suas desconfianças do caso, neguei-lh'ó com a maior sinceridade. Até lhe jurei pela saude d'ela que era um homem sério e decente. Muito bem, Nunca mais tornei a vêr a hervanaria ; mas vamos que amanhã lhe acontece alguma : ou a matam ou ela se atira á Bôca do Inférno . . . A imprensa, no proposito de alongar as suas noticias e blasonar de bem informada, tem o direito de acrescentar como pormenór da morte da hervanária em questão : — «A desventurada, ha quinze ou dezoito anos, mantinha relações com o sr. Praxédes, hoje terceiro official do ministério das Finanças ?

— «Evidentemente não . . .

— «Ao publico nada interéssa que eu tenha embarcado para Citêra na falúa da hervanária. Agora, pelo que me diz respeito, o caso muda de figura. A Genoveva, minha mulher, parte-me a cabeça. Pércó o respeito dos meus filhos. Como os hei de reprender pelas brégeirices que comelêrem, se me arrisco a ouvir o Quico

responder-me: — «É o papá quando *hablava* com a hervanária, *se comprimia?*» Calcule a chuchadeira que me farão na repartição: — «Então, seu Praxédes, uma hervanária, hein? Se calhar era para têr chá de malvas de graça, seu bregeiro . . . etc.» Na minha rua passarão a apontar-me a dêdo e o condutor do carro das desesête e vinte e dois, que costume tomar á saída do emprego, se alguém lhe perguntar: «Quem é este cavalheiro tão distinto?», não deixará de responder: — «E' o Praxédes que esteve com aquela hervanária do Socorro, que se atirou á Bôca do Inferno». Veja o meu amigo ao que estou arriscado e o senhor e toda a gente, porque não julgo que haja alguém, que, pesquisando bem, não encontre uma hervanária no seu passado . . .

Praxédes tem carradas de razão. A imprensa não tem direito de, com as suas informações detalhadas, ir incomodar os que, por acaso da vida, estiveram em passageiro contacto com creaturas que um bélo dia alimentam as colunas das gasêtas. São aos centos as pessoas, cuja vida tem sido intempestivamente perturbada por indiscrições de jornaes. sem proveito nenhum para estes e com unico gaudio da gente faladôra e bisbilhoteira. Mas não são, porventura, os jornaes os culpados principaes da bisbilhotice nacional?

*13-Dezembro-913*

---

## PRAXÉDES ANTLESPIRÍTA

Esbarrei esta tarde com o Praxédes. Eu ia distraído lendo um opusculo de capa verde, que tinha recebido de manhã e trocando o aperto de mãos da praxe, perguntei ao nosso amigo:

— «Sabe o que é isto?»

— «Eu não.

— «É o «Boletim do Gremio Internacional de Espiritismo», referido a Dezembro de 1913. Você acredita em almas do outro mundo?»

— «Acredito, claro; mas no espiritismo é que eu não creio.

— «Essa agora! . . .

— «Nada. Comêram-me uma vez e não me comem segunda. Imagine o meu amigo que, ha tempos, a Fifi tinha um namoro, cadête da Escola de Guerra e contou-me ela que o rapás falava com os mortos, por meio d'uma mêsa de pé de gálo. A cousa pareceu-me história; mas tanto ela teimou que era verdade, que me tirei dos meus cuidados e conversei com o rapaz, que me declarou ter estado ainda na vespera de cavaqueira amêna com o proprio Napoleão . . .

— «Toma!

— «. . . E ofereceu-se para ir lá a casa fazer uma sessão de espiritismo. Ora eu tinha o maior empêho

em descompôr pessoalmente a memoria da minha tia Pulquéria, que até a ultima hora me intrujou, dissendo-me que me deixava ficar tudo e afinal fez testamento a um padre. Aceitei a proposta do rapás e, na noite seguinte, ele appareceu, acompanhado d'outro sócio, tambem cadête e espirita. Põe-se a mêsa no meio da sala, o namôro da Fifi senta-se ao pé da pequena, vem a sopeira, requisitada pelo outro cadête, e senta-se ao lado d'este. Apagam-se as luses e invoca-se o espirito da minha tia Pulquéria . . .

— «É veiu?

— «Veiu. A mêsa pôs-se a dançar e eu já estava em suóres frios. A minha tia começou por me responder uma cousa muito feia, mandando-me a um sitio que não sei se lh'o diga . . .

— «Adeante . . .

— «N'isto a minha mulher deu um grito . . .

— «De susto?

— «Se lhe parece! O segundo cadête tinha-se enganado e, em vês de apalpar a sopeira, estava apalpan-do a minha Genoveva. Ah! meu amigo! . . . Peguei na bengala e os cadêtes não pararam senão na Bemposta. Ora aqui tem porque eu não acredito em espiritismo.

*16-Dezembro-913*

---

## BOAS FESTAS A V. EX.<sup>a</sup>

Praxédes está sentado á mēsa da casa de jantar. Sobre o oleado, em carreirinhas de dēs, estão a secar numerosos sobrescritos. D'um lado, o Quico, com dois centímetros de lingua de fóra, exerce os primôres da sua caligrafia, pondo sucessivos *b. f.* em cartões, onde se lê o nome de seu pae, sua função no ministério e a sua morada com omissão do andar para dar a impressão de que habita um prédio inteiro. Na outra margem da mēsa, a Fifi com a sua lêtra crusada de inglêsa vae escrevendo as dirêções. D. Genoveva, mãe dos filhos de Praxédes, pôs oculos para pegar as estampilhas. Praxédes recapitula :

— Bem... O Afonso Costa já está. Não o conheço; mas é sempre bom. O chefe da repartição... Um talassão indecente; mas enfim, é preciso... Os colégas... Não gostam de mim; mas eu tambem não gosto d'elles. Fica uma coisa pela outra e vive-se em bôa harmonia... O professor do Quico... Não é lá grande prenda; mas é capás de me reprovar cá o cavalheiro... Muito custa a educar um filho!... A méstra de piano da Fifi... Coitada, é bôa creatura e deve-se-lhe umas lições... O meu compadre... Um maroto, que tem dinheiro e nunca é capás de dar um fatinho ao afilhado... Qualquer dia morre — que o leve o

diabo! — e verão que não deixa nada á creança; mas enfim... O homem da tenda... O dono da padaria... Enriquécem á minha custa, envenênam-me a familia; mas sem eles e as drogas que vendem não se vive... Os Barboças, que convidam a gente para jantar no dia de entrudo. O pae andou comigo no colégio, tem-me feito favôres, é um burro de sorte e estúpido como um jumento; mas vá lá... Ah! já me esquecia! A modista... Tem lá aquela conta. Tambem, se não vir outro dinheiro, está tramada...

— «Ó papá, interrompe a Fifi. Não esqueça o sr. Linhares, que arranja os camarôes para a gente ir ao teatro...

— «Desconfio muito que os rouba; mas já agora...

.....

A sessão continua.

*27-Dezembro-913*

---

## PRAXÉDES ANTI-GREVISTA

—«Estou altamente indignado com estas histórias de grêves, declara-me Praxédes, placido como um copo de leite sôbre uma mêsa de cabeceira.

—«Falaê, Praxédes, respondo eu. Nos vossos labios floresce o bom senso, como a rainha das flôres nos rosaes de abril.

—«Muito obrigado. Quer tomar alguma coisa?... Como ia disendo, não compreendo estas atitudes das classes prolétarias? De quem se queixam os ferro-viários? Dos directores da companhia. Contra quem se voltam os ferro-viários? Contra mim, isto é: contra o público, que nada têm a vêr com o caso. Entendia que, dado o conflito, os ferro-viários decidissem que, enquanto não fôessem atendidos, deixariam de transportar as pessoas, bagagens, encomêndas e serviço postal dos directôres... Agora que quem padeça sêja o público, que é bom pagadôr, paga, paga e nem sequer assobía, isso é que é uma flagrante injustiça. E é sempre assim. Os padeiros zangam-se com os donos da padaria? Quem não cóme o seu pão de bico? E' o Praxédes. O pessoal dos electricos exalta-se com a direcção? Quem anda a pé? E' o Praxédes...

—«Meu caro amigo. O seu raciocínio péca pela base. Como quer que os operários se voltem contra os pa-

trões, se estes estão sempre — ou quasi sempre — colocados fóra do alcance da acção dos seus subordinados? No caso presente, você imagina que os directôres da Companhia se incomodam alguma coisa com a grêve? Em primeiro lugar, eles nunca andam de comboio. Tôlos seriam eles. Conhecem melhor que ninguem a incomodidade do material, a má organização dos horários, os atrasos inevitáveis e toda a série de aborrecimentos destinados ao Praxédes consumidôr. Por isso, {ou andam em automoveis confortáveis ou então, para evitar os precalços de uma grêve em Portugal, residem em Paris. Sabem que mal recomece o serviço de comboios serão compensados da suspensão temporária de receitas. Pelo que respeita a deteriorações, confiam no govêrno que, além d'outros encargos, têm o de manter a ordem pública e o respeito da propriedade particular. Portanto, os operários, sentindo-se impotentes para vencer os patrões, contra quem se não hão de voltar.

— ‘Contra mim. . .

— ‘Pudéra. Para isso é que você é Praxédes. Estêja absolutamente tranquilo. Quem ha-de pagar as favas é você. Resigne-se, pois, a essa missão passiva e lembre-se que Allah é grande e Mahomet o seu profêta.

*15-Abril-914*

---

## OS VALENTÕES

Praxêdes, pessoa acomodada e prudente, disía-me hontem á esquina da rua de S. João dos Bem Casados, recanto pacato da nossa Lisbôa chinfrineira e barulhenta:

— «Você já reparou na quantidade de pessoas de mau génio, que tem aparecido por aí, ha uns tempos a esta parte? Ao de cima d'esta panêla, que não pára de ferver, têm surgido cavalheiros que, por dá cá aquela palha, ameaçam meio mundo e querem batêr em toda a gente. Usam um bengalão grôssô, o peito saído para fóra e o menos que prometem fasêr a um cidadão que lhes desagrada, por isso, por aquilo ou menos por nada, por simples antipatía, é rachar-lhe a cabeça em quatro bocados. Nos cafês, nas esquinas, nos teatros, miram os seus contemporaneos com um ar de desafio, sempre á espreita de quem lhes sustente o olhar ou comente a attitude com um sorriso para alçar a bengalinha e mandarem alguém para a botica. Ha dias em que andam cacetadas no ar. A política, a situação social, a vida particular, tudo serve para base d'uma discussão em que o suprêmo argumento é o marmeleiro de castão melhor ou peor. Antigamente, o desordeiro era um tipo de viêla. Hoje ha desordens de murro e bofetada até no próprio Parlamento. Quem tem a desventura de têr uma evidencia, por minuscula que sêja, têm que andar sempre preve

nido para dar e levar. A menor questiuncula, a mais infima divergencia de opinião degenéra n'um pugilato, porque esses valentões profissionaês se encarregam de colocar as coisas, desde logo, n'um terreno irredutivel pela insolência da provocação ou pela impertinencia da sua prosápia. Que ha de a gente fasêr n'um meio d'estes?

— «Deixar-se estar, o mais possivel, na rua de S. João dos Bem Casados ; não sair á noite ; de dia andar de electrico e por caminhos desviados ; não conversar senão com os próprios botões, comprar um seguro de vida e ajustar a prestações um jasígo no Alto de S. João. Com estas precauções ha uma probabilidade contra noventa e nove de se chegar á noite com o esqueleto inteiro...

*28-Janeiro-914*

---

## O PAÍS

Encontrei hoje o Praxédes, debaixo da Arcada, de grande uniforme, chapéu alto e luvas de pelica.

—•Toma! Que catilismo! Onde é a ida?

--«Cumprimentar o meu novo ministro.

-•E então que lhe parece a solução?

—«O'lima. Cá por mim não vem o desasocêgo a esta terra e até me dão de cada vês que para aí pretendem armar barulhos. Sobretudo, afino com uma coisa; é quando os politicos começam a falar do País, Cada um d'elles, para apoiar a sua opinião, exclama e berra: —  
•Porque o País quer... Porque o País exige...» Ora eles confundem o País com eles próprios e com os seus compadres, quando afinal o País sou eu, é o senhor, é o meu sapateiro e a sua mulher de hortaliça. E' a grande massa d'aqueles a quem a politica não interêssa e que só querem socêgo, pás, união, para viverem tranquilos e poderem tratar da sua vida. Governe Paulo, Sancho ou Martinho, contanto que não sintamos a aperrar-nos a bôca aquilo a que é uso chamar-se as rédeas do govêrno. Quando os ouço disêr que têm procuração do País para reclamar isto ou aquilo, dá-me vontade de lhes ir perguntar se já contaram comigo e se lhes encomendei algum sermão. Basta de maçadas e vamos a vêr se ha fórma de nos entendêrmos todos

ou, por outra, de se entenderem os de cima, porque os de baixo estão todos de acôrdo e não reclamam outra coisa senão tranquilidade de espirito, socêgo nas ruas, pouca cavalaria em manóbras e policia em dóse minima.

— «Tem rasão, seu Praxédes.

— «Eu tenho sempre rasão. O peor é que as minhas rasões nunca interessam e esses senhores, eternos Narcisos namorados do próprio conceito, perpétuamente convencidos que toda a gente aguarda com impaciencia as sentenças que muito bem lhes parece sollar pela bôca fóra. O que lhes vale a eles é que eu não sou homem de arruaças. Ah! que se um dia eu saio á rua a disêr o que penso de todos êles...

E o Praxédes brandia o guarda-chuva, arma terrivel que, como as espingardas de creança, nunca ha de disparar.

*10-Fevereiro-914*

---

## PACIFICAÇÃO

Em casa de Praxédes têm havido ultimamente mosquitos por córdas. O filho mais novo, o Quico, cujas proêssas mais d'uma vês tenho relatado aos meus desoito leitores, está cada vês mais insuportavel. Nem respeita seu pae, poder executivo, nem sua mãe, que é quem dá leis e é, portanto, poder legislativo, nem a creada, encarregada da manutenção da ordem publica. Nunca se viu garoto mais desenfreado. Ha coisa de oito dias, o Praxédes, de quem eu indagava o estado de saude de sua excelentissima esposa e de seus filhinhos, creanças encantadôras, declarou-me :

— «Meu amigo. Não tive remédio senão aplicar lá em casa algumas medidas de excepção. O Quico não toma juízo. Agora a mania d'ele é pintar de azul e branco um papagaio que tenho, um lindo bicharôco todo verde e encarnado. Apanhou-nos distraídos, a mim e á mãe; sabe que, no fundo, temos por ele uma grande fraquêsa e toda a sua ralação é ir ao animalsinho e querer mudar-lhe a côr. Vendo que nem ameaças, nem conselhos eram capases de o dissuadir, resolvi usar dos meios extremos: puz o Quico incomunicavel no sofá. Fês um chinfrim de todos os diabos; mandou uma carta á madrinha a queixar-se de que o tratavam mal, não lhe davam de comer... Um inferno! Começaram

os conhecidos a bramar que soltasse o meúdo, minha mulher estava disposta á clemencia, a minha filha seringava-me o juizo... Só a creada não era da mesma opinião: — «Pois sim, disia a rapariga, encarregada de manter a ordem publica. Soltem-no, que depois quem tem que o aturar sou eu...»

Escusado será disêr que não fíz caso do que disia a sopeira e, hontem, decretei a anistía. O Quico foi solto. Tratou-nos mal, deitou-me a lingua de fóra... Que maldito rapás malcreado! Entretanto, fiquei contente por ter contribuido quanto podia para a pacificação da familia Praxédes. Eis senão quando...

— «Que foi que succedeu? — interroguei curioso.

— «Ora o que havia de ser? Esta manhã a creada veiu chamar-me e fui dar com o Quico... Imagine o senhor o que ele estava fasêndo...

— «Não calculo.

— «Estava a moer novas tintas para tornar a pintar o papagaio...

*15-Fevereiro-914*

---

## AMNISTIA

E' sempre boa de ouvir a opinião de Praxédes. Não o movem paixões de ordem intelectual; é amigo da ordem e respeitador das leis; o dia de amanhã não o interessa senão pelo aborrecimento que lhe pode trazer hoje. Em resumo: a opinião d'ele é sempre marcada por aquele bom senso privativo das pessoas que não têm senso nenhum. Não me contive hoje que lhe não perguntasse:

—•Então, Praxédes amigo, que lhe parece esta coisa da amnistia?

—•Acho bem. Pacifiquêmos a familia portugûesa, reconciliêmos os indigenas, haja paz e união. Está tudo muito bem. O dia de amanhã vae ser de alegria para muitas casas, pois quasi todos os prêsos têm familia... Bem sei que eu, por exempto, nunca dei desgostos á minha e para isso, mal se anuncia um barulho, mêtome logo debaixo da cama... Mas adiante... Acho bem. O peor é que...

—•O quê?

—•E' que todos os cavalheiros que estiveram presos não imaginam ficar devendo um favor á Republica. A sua detenção consideravam-na uma arbitrariedade e a maior parte d'elles, provavelmente, o que tratará é de tirar uma desforra o mais depressa possivel.

— «Parece-lhe? . . .

— «E' o que me cheira. Se todos os detidos fossem tranquilamente para suas casas tratar da vida, jurando não tornar a cair n'outra, estava tudo ótimo; mas não me palpita.

— «Que diabo, amigo Praxédes! Você, sempre optimista, saiu-se-me agora pessimista? . . .

— «Queira Deus que eu me engane; mas, se me não enganar? Se, d'aqui por dois ou três mezes, tornarmos a vêr os libertados de agora comprometidos em novas tentativas de desordem? O mau é êles estarem convencidos de que têm razão. Quem julga tel-a é trinta vezes peor do que quem a tem. Cá por mim, não me rálo. Sabe qual é a minha estratégia: ao menor ruido suspeito, carvoeira te valha. . . Agora para os que têm que olhar por isso, o caso é diferente. Haja juiso é o que se necessita, que, se o não houver, esta historia de amnistia é como papas de linhaça n'um ferro em brasa.

21-Fevereiro-914

---

## MAU GÊNIO

Praxédes leu a estatística, publicada por um funcio-  
nário da policia, dos crimes, delictos e ocorrencias poli-  
ciaes que se déram n'esta bôa cidade de Lisboa no ano  
de graça de 1913. Apareceu-me hoje com os catorze  
cabêlos que lhe ornam o cocuruto da cabeça espavori-  
damente em pé.

—«Imagine<sup>v</sup> você, meu caro amigo, que durante as  
cincoente e duas semanas que Deus nos deu o âno  
passado, houve nada menos de cinco mil quatrocentos  
e desessête casos de ofensas corporaes, isto não falando  
nos que escaparam á ação da policia. É' pasmosa a ma-  
nia que têm<sup>v</sup> os lisboêtas de quererem partir a cara  
aos seus contemporaneos. Por dá cá aquela palha, toma  
que te dou eu, apitos, cabeça rachada, arnica e pontos  
naturaes... Você já viu um destempêro equal? Por  
um caso de que a policia se ocupa ha dês que esca-  
pam ás suas vistas. Quer isto disêr que n'um âno hou-  
ve pelo menos cincoenta e quatro mil cento e setenta su-  
jeitos que jogaram á pancada e, como ninguem pôde jo-  
gar sósinho nem o dominó nem a pancada e precisa  
pelo menos d'um parceiro para êsses divertimentos, uma  
simples multiplicação indica que cento e oito mil tre-  
sêntos e quarenta alfacinhas se andaram esmurrando  
n'uma cidade, que tem quinhentos mil habitantes.

—«É que têm você com isso?

--«Que tenho? É' bôa! Você não vê que se se propaga essa fêbre de pancadaria, dentro em pouco os desordeiros virão embirrar comnôscô. que sômos de uma pacafês exemplar e temos pelas próprias costelas um respeito que chega á veneração? Não tardará muito que se organisem emprêsas de bordoada aos domicilios, que nos vão agredir no remanso do lar e maltratar-nos a família. Compreende que é muito aborrecido termos que viver aferrolhados em casa e só podermos sair de armadura, á laia do homem de ferro da procissão de S. Jorge.

*5-Março-914*

---

## FILOSOFIA

—«Nesta vida, disía-me Praxédes ainda ha pouco, ha uma grande vantagem em estar morto. Vêja o que succede com o falecido chefe do partido progressista. Durante ânos os seus adversários políticos movêram contra ele as mais encarniçadas campanhas. Fiséram-lhe acusações gravissimas. Era ele um dos grandes responsáveis do descalabro nacional. Atribuíram-lhe mesmo a transformação da nossa politica n'esta politiquice que, hoje ainda, está dando os seus frutos e perpétuando os seus malefícios. Sôbre a sua cabeça de chefe se acumulavam as culpas de toda a clientéla do seu grémio político. Chegáram mesmo a negar-lhe a intelligência e lançáram-lhe em rosto como tortuosos os seus processos de mexer os cordelinhos do Terreiro do Paço. A opinião pública conhecia-o sob um aspéto da rapôsa matreira, de astuto enredadôr de tricas e maranhas e o seu nome servia de rótulo a toda a classe de individuos habeis em chamar a brása á sua sardinha e sacar as castanhas do lume sem queimar os dêdos. Morre. O silêncio, que se fiséram em volta da sua existênciam quando as circunstâncias o tinham alheado do seu campo de ação, quebra-se e todos recordam o morto de hontem. Perante o seu caixão abatem-se os velhos rancôres, os antigos ressentimentos. As suas virtudes de homem, a s suas raras qua

lidades de político formado n'uma grande escola, os seus méritos de oradôr, de parlamentar, de jurisconsulto, de inspirador de gasêtas, tudo isso é pôsto em relêvo e a justiça, que durante tanto tempo lhe foi negada, é-lhe hoje concedida com liberdade. Triste destino o dos homens politicos : têm que aguardar a hora da sua morte para que sôbre eles recaia a benevolência e a sinceridade dos adversários.

*10-Março-914*

---

## PRAXÉDES FURIOSO

Ha que tempos não via Praxédes! Esse simpático bipede tem andado arredio do mau trato e as circunstancias não têm favorecido os nossos encontros. Hoje dei com ele a entrar para a repartição. Ia de má catadura.

— «Que é isso, homem? indaguei sorrindo. Você acordou com os pés para a cabeceira?

— «Se lhe parece! Esta pouca vergonha...

— «Qual? Ha tantas...

— «A dos géneros falsificados. Você não leu nos jornaes a história dos pasteis feitos com tudo menos com farinha e ovos? Tinhamos o assucar com calça, os chouriços com botas de elástico velhas, o vinho com graxa para calçado de côr, o vinagre com ácido de limpar torneiras, o azeite com óleo de máquinas e o feijão encarnado com caróços de azeitôna. Agora descobriu-se uma porção de lojas, onde se vendiam bôlos feitos com banha de cheiro e farinha que éra simplesmente lixo... Disséram-me mais. Ha tempos denunciáram um tendeiro, que até falsificava a margarina, deixando-lhe manteiga de vaca. E' onde póde chegar a fantasia d'esses Lucrécias Bórgias, com géneros alimentícios e tabacos! D'aqui a pouco não se pode comer sem tomar por cima do café, á laia de *triple sec*, uma lavagem

de estomago. De manhã, quem não tiver roças em S. Tomé e uma ama da provincia, arrisca-se a beber, em vês de café com leite, fuligem com cal diluída. Ao *lunch*, o pão com bife é serradura com gáspeas velhas. Ao jantar, uma *purée* de grão é cosimento de tremoços, o peixe vem pôdre, a hortaliça com bichos, os *croquettes* com algodão em rama e tudo o mais em proporção. O que vale é que eu já descobri o meio de evitar uma catástrofe.

— «E qual é, seu Praxédes?

— «Regressar á vida primitiva em matéria de alimentação. Domingo lévo a familia a pastar para Odivélas, onde a hérva está uma belêsa e, aos dias de semana, está o Quico encarregado de roubar as nesperas do quintal do meu visinho de baixo.

24-Março-914

---

## CREDITOS EXTRAORDINÁRIOS

Esta história dos créditos extraorçamentaes fás-me lembrar a aventura que, ha mēses, succedeu ao Praxēdes. Sua ex.<sup>a</sup>, que toda a sua vida tem sido um descuidado, vivia, depois que creára familia, com bastantes dificuldades. O seu ordenado de pequeno funcionário não chegava, evidentemente, para satisfaser os encargos obrigatórios da sua casa e as suas fantasias de alfaci-nha pretencioso.

Ultimamente, sugestionado pelas habilidades financeiras do Dr. Afonso Costa, não esteve com meias medidas. Taes providencias adoptou que. poucos dias depois, encontrava-o radiante.

— «Sabe? Este mês pônho dinheiro no Monte-pío . . .

— «Pode lá ser!

— «E' assim mesmo. A minha mulher fasia dois vestidos por ano, minha filha outros dois e uma blusa suplementar. Chapeus eram quatro. O meu pequeno devora um par de botas por mês e eu mastigava três em cada dôse mēses. Para comer e beber gastava quinze tostões por dia, para casa dēs mil réis por mês etc., etc. Consegui arrumar o meu orçamento. Já me sobejam fundos.

— «Como?

— «E' muito simples. Para minha mulher e minha filha, um vestido por ano . . .

— «Para cada uma?

— «Para ambas. Quando uma sae, fica a outra em casa. O petiz foi avisado de que tinha que se governar com um par de palhêtas cada semestre. Pelo que respeta a mercadorias de estomago, abonei cinco tostões diários. E assim sucessivamente. O resultado viu-se logo. N'este mês, ganhando eu cincoenta mil e pico, poupei vinte mil e tanto.

Deixei Praxédes radiante. Dois menses depois encontrei-o desolado.

— «Que é isso?

— «Você lembra-se do meu sistêma de juntar dinheiro?

— «Pois sim e então?

— «Meu amigo, não serve. Domingo disse á familia que se prepara-se para sair e, passada meia hora, appareceu-me minha mulher em camisa e minha filha com uma folha de parra. O pequeno, esse, ha que tempos que andava descalço e com o assento á móstra... Concluí...

— «O quê?

— «Que o único remédio que tenho é, como sou pobre, tratar de gastar aquilo que ganho e só isso, deixando-me de fantasias de querer poupar dinheiro.

26-Março-914

---

## O MAIS BÉLO LIVRO

O jornal *A Republica* abriu um inquérito entre os nossos intellectuaes no sentido de indagar qual será o mais bélo livro português dos ultimos trinta ânos. Pela minha parte, lamento que a consulta sêja feita apenas aos que fasêm profissão de serem inteligentes. Desde que me constou que o inquérito estava em marcha, andava ancioso por saber qual a opinião do meu amigo Praxédes. Interéssa-me bem mais do que a dos intellectuaes, isto dito sem disprimôr para nenhum. pois a todos respeito em geral e ao sr. João Bonança em particular.

Praxédes amigo estava jungido á canga da repartição, quando o fui entrevistar.

— O melhor livro dos ultimos trinta ânos? Oh! meu amigo!... Para mim, não ha como *Os Milhões da Viscondêssa*. Não leu? Veiu em folhetins no *Seculo*. Sim senhor. Béla obra! A minha mulher gostou mais da *Virgem parricida*, que veiu no *Noticias*; mas, aqui para nós, aquilo é uma estúpida que não entende nada de literatura. Tenho lido muitos folhetins. Aqui na repartição, leio quasi todos; mas como aquele nenhum. Imagine você... Começa n'uma taberna de *apaches*, em Paris. Ha uma rapariga, que vende flôres e se apaixona por um conde, que é casado com uma filha d'um duque.

que, nos seus tempos de creança, teve um bastardo d'um oficial, filho d'um guarda caça...

— «O duque é que teve a creança?!

— «Não: a filha. A pequena cresce. Toca realêjo e pede esmola. Um dos *apaches* apaixonou-se por ela. Um belo dia aparéce morto o usurário...

— «Qual usurário?

— «O «Lagarto.»

— «Qual «Lagarto?»

— «E' alcunha do homem.

— «Ah!...

— «Surge um jornalista, que é policia e tem um cão...

— «...Que morde no gato, que pápa o rato, que rõe o cêbo, que unta a córda... Conheço essa história.

— «Com você não se pôde falar sério, Ria-se á vontade, meu amigo; mas, bem pôde a Genoveva puxar para a *Virgem parricida*, a mim ninguem me arranca dos *Milhões da Viscondessa*.

— «Mas, meu caro Praxédes, isso é literatura francesa de fancaria, de décima terceira classe, *ad usum* das portteiras da capital do mundo. Eu perguntava-lhe qual é o livro português de que você mais gosta.

— «Ah! Livros portugueses... Nunca li nenhum...

4-Abril-914

## SEMANA SANTA

Abriram-se n'um sorriso franco as rubicundas fâces de Praxédes, ao lêr hoje nas gasêtas a tolerância de ponto concedida aos funcionários públicos amanhã e depois. Melhor seria disêr francamente que se dava feriado, pois todos nós sabemos a que equivale uma tolerância em Portugal; mas emfim. . .

— «Parabens, seu Praxédes. Duas folgas na róça hein?

— «É' verdade, meu amigo. Não ha duvida nenhuma que a tragédia do Gólgota foi um grande acontecimento. Dois mil ânos depois, no regimen em que vivêmos, ainda uma pessoa pôde lêr o jornal na cama e tomar banho geral, porque o Filho de Deus se deixou crucificar entre dois ladrões.

— «Bem empregado tempo. . .

— «O peor é que amanhã tenho que sair a vêr as egrejas.

— «Você? Livre-pensador e atêu. . .

— «Graças a Deus! Mas que quer que lhe faça? É' uma ocasião de arejar gratuitamente a familia. O meu pequeno, o Quico, não me largava para eu o levar aos anões do Coliseu. Prometi que o levava a S. Nicolau e â Conceição Velha. A pequena, a Fifi, precisa de namorar, — coitada! — e tem muita fé com isto da Semana santa. Arranja sempre alguma coisa, principalmente em

S. Domingos, por causa do pé do Senhor e da escadinha. A minha mulher, enquanto não empregar a filha, não descança. Que remédio senão fasêr a diligencia! De caminho arêjo tambem a sobrecasaca, que não visto desde a inauguração do Centro 5 de Outubro lá da minha paróquia. Isto de semana santa, meu amigo, é ainda um dos divertimentos familiares mais honestos e económicos...

— «A propósito. ha de dar-me licença para eu mandar um pacote de amêndoas á sua menina.

— «Pois não! Até calha bem. São seis tostões que eu tinha orçamentados para essa despêsa e que ficam em casa.

*8-Abril-914*

---

## S. PEDRO

Praxêdes filosofava hontem comigo ácerca das figuras da paixão de Cristo. As suas simpatías iam, naturalmente, para as três mulheres, que a desventura juntou aos pés da cruz do Salvador do mundo. Contra Judas não tinha Praxêdes mais invectivas :

— «Aquilo é que foi um marôto ! Só dando um tiro n'um marióla d'aqueles é que eu me consolava ! Também não lhe serviram de proveito aqueles réles trinta dinheiros. O maldito não têve outro remédio senão enforcar-se. Cão !

— «É o que dís você a S. Pedro ?

— «A S. Pedro ?

— «Sim, que me dís você á serenidade com que aquele cavalheiro negou o seu Méstre não uma, mas três vêses ? E mais teria negado se o gálo da consciência lhe não cantasse . . .

— «Eu lhe digo, interrompeu Praxêdes com gravidade. Isso agora é outro caso. Bem sei que ele fêz mal ; mas, até certo ponto, têve desculpa. A coisa estava séria. S. Pedro éra um pobre homem já de idade, via as barbas de Nosso Senhor a arder, ele tinha umas e bem boas : tratou de as pôr de môlho. Jesus já estava prêso. Da alhada ninguem o livrava. Surge de repente aquele decurião a tirar indagações do desgraçado Pedro.

Vá que ele disia que sim, que conhecia Jesus e o malvado lhe metia a lança pelo aparelho digestivo dentro? Ele éra graça? S. Pedro disse que não conhecia o filho de Maria e, aqui para nós, eu, no caso d'ele, tinha feito o mesmo.

— «Isso sei eu e ninguem me tira da idéa que S. Pedro é ainda seu avô, amigo Praxédes...

— «Eu gosto de os ouvir falar. De fóra todos fasem de valentes e é muito facil têr opiniões, emquanto não apérta a môsca. Mas arme-se o sarilho e então é que os quero vêr. Começa a gente a lembrar-se da familia, da mulher e dos filhos, a sentir um amôr desconhecido às costélas e a cismar que isto de farroncas escusadas é uma coisa absolutamente nociva á conservação do esqueleto.

— «Quer disêr: você, no caso de S. Pedro, negava o Crísto três vêses...

— «Três? Trinta, tresêntas. as que fôssem precisas.

*11-Abril-914*

---

O amigo Praxêdes ia hoje, pela sombra da Arcada, com o guarda sol debaixo do braço, trauteando a *Internacional*. Apertava o calôr e, enquanto o suor lhe camarinha pelas bochêchas, o pae de D. Fifi ia cantarolando :

*Bem unidos façâmos*  
*N'esta luta final*  
*D'uma terra sem âmos*  
*A Internacional.* } *bis*

Quando lhe toquei no braço, Praxêdes estremeceu e voltou-se apavorado :

— «Safa que susto ! Cuidei que éra o meu chefe de repartição.

— «Com que então cantando o hino dos proletários?

— «E que sou eu senão um triste proletário ? A minha enxada é a manga de alpáca. É' com o suor do meu sováco direito que eu ganho o cosído e arrôs de cada dia. Tambem pertenço ao «mundo dos átivos, trabalhador fôrte e fecundo» e tenho, portanto, o direito de disêr ao infame capital : — «Oh parasita ! Deixa o mundo.» E olhe que não lh'o mando diser por ninguem. Póde-se lá admitir que, ao passo que ha marôtos com

prédios nas avenidas novas e inscrições nos bancos, um terceiro oficial como eu se levante todos os dias ás dés horas da madrugada, chegue á repartição ás onze e meia, saia ao meio dia para lancha, volte ás duas, durma até ás quatro e saia ás cinco? É isto para ganhar uma tuta e meia, enquanto os «reis da mina e da fornalha edificam a riquêsa sobre o suor de quem trabalha!» Eu durante todo o âno, estou caládo, mando partes de doente e peço varias licenças; mas, em chegando o dia 1.º de maio, não me posso contêr. Não diga a ninguem; mas hontem á noite mandei um postal anonymo ao meu chefe de repartição, em que, entre outras coisas muito têsas, lhe mandava disêr que

*Se nos faltarem os abutres  
Não deixa o sol de fulgurar.*

«É com esta me vou.»

«Confesso que nunca imaginei que Praxédes chegasse a estes extrêmos.

*1-Maio-914*

---

## A VIDA E A OPERÊTA

Disia-me hoje Praxédes :

— «Quando eu éra solteiro e namorava a pomba que, por mal dos meus pecádos, veiu a ser a serpente que hoje me envenêna às veses a existênciã, estou lembrado de ter ido á Trindade vêr um entremês, em que, se bem me recórdo, um principe — tenho ideia que éra Portugal, — se apaixonava por uma campónia, — a Ana Pereira, por tal signal. — Havia um rei, pae do principe e um seu escudeiro, que tratavam de se opôr. . . — eram o Leóne e o Isidóro — mas tudo acabava em bem. O principe casava com a campónia e todos bailavam o fandango. Depois d'isso, tendo-me obsequiado ha tempos um camarada de repartição com um camarote para o Avenida, tive occasião de vêr que, nas pêças modernas, os principes continuavam a casar com floristas e que, mais valsa menos valsa, é ainda na operêta que se encontra a verdadeira democracia e os poderosos da terra têm ensejo de dar o seu coração e outros pertences a quem muito bem lhes apetece.

— «Tudo isso vem a propósito de. . .

— «Do infante de Hespanha, cunhado de Afonso XIII. Não tem lido? O rapás, que é viuvo, quer casar com uma menina muito prendada, filha de boas familias. O pae d'ela creio que é d'aqueles que pôdem estar sem-

pre de chapéu na cabeça, o que é de uma grande vantagem para os carécas e para os malcreados. O Afonso XIII parece que não se importava; mas a corte acha exquisito e lavra grande intriga. Isto é sendo a pequena filha de um sujeito bem colocado. Imagine agora que o tal infante passava pela rua de S. João dos Bemcasados, via a Fifi e lhe apetezia casar com ela! Calcule que reboição! Até os quatros litros d'agua do Manzanares começavam a ferver. Pois olhe que, n'esta altura, dava-me muito a conta casar a minha filha com um principe, só para vêr a cara que fasía o meu tendeiro...

*9-Maio-914*

---

## PRAXÉDES FILÓSOFO

Notava-se hoje na Arcada um movimento desusado. Pessôas de cara aflita conferenciavam em grupos. De quando em quando, faziám-se grandes géstos e ouvia-se uma vós exclaimar :

— «Póde lá sêr! Que grande pouca vergonha!...

N'um magóte de exaltados, Praxédes oficiáva de pontifical. O seu sorriso era tranquilizador e a sua mão flutuáva sôbre aquelas agitações, como a pombinha da arca, que Deus haja, sôbre as aguas do dilúvio.

— «Vê como se arranja uma revolução, explicou-me o nosso amigo.

— «Mas que quer esta gente? indaguei curioso.

— «E' tudo pessoal apoquentado com a idéa de que o principio assente no ministério da guerra de banir a empenhóca se torne extensivo aos outros ministérios. Éra o que faltava! Ficavam três milhões de portugúeses encravados. Havia de ter sua graça, se, d'ora ávante, só se atendêsse ao mérito comprovado por atestações de superiores. Isso era Portugal virado do avêssio. Nunca mais um pobre barbeiro podia ser nomeado bibliotecário e um gágo leiloeiro da Alfandega. Eu cá tenho socegado esta gente, quando não ía aí o diacho. Pela parte que me tóca, ficava bem arranjado. Para colocar o meu rapás mais velho, consegui juntar nada menos de trinta e oito

cartas. Para a pequena passar no Conservatório, até a parteira da prima do guarda portão se tem empenhado e, pelo que respeita ao Quico, que eu quero metêr com subsidio n'um colégio do Estado, até o sr. D. Manuel me escreveu de Londres prometendo falar a Sua Magestade Jorge V. Se me desgraçassem o arranjinho, eu sou homem pacato ; — você bem sabe — mas sentia-me com ganas de ir para a Rotunda...

23-Abril-914

---

## PRAXÉDES DESCONFIADO

Praxédes estava esta manhã na repartição, folheando com desconfiança a artistica brochura, que a empresa do futuro Estoril fêz distribuir profusamente. Mirava o texto e as gravuras com aquele ar de finório a quem se não fás o ninho atrás da orelha, que sempre tomam os Praxédes, quando surge qualquer coisa nova e saindo da rotina á qual andamos jungidos. Tudo o que aparece d'esse género se lhes afigúra ser um eterno «conto do vigário» e todas as cautélas são poucas.

—«Tudo isto é muito bonito, disía-me ele, indicando a planta. Um casino, um hotel, um parque, uma estufa, um balneário, um campo de jogos... Pois sim. Mas onde está o dinheiro para a construção? Onde estão os hospedes para o hotel? Os *touristes* para o casino, os *sportman* para os jogos, os passeantes para o parque?...

—«É as flôres para a estufa? Não é verdade, Praxédes? Não sêja estúpido e desconfiado, meu amigo. Por você ser assim é que se tem deixado de fasêr em Portugal desênas de coisas uteis. Se, em vês de estar convencido de que entre nós não se pôde fasêr o que se fás lá fóra, você, que afinal é a opinião pública, apoiasse franca e decididamente todas as iniciativas que trouxêssem consigo o bom desêjo de engrandecer esta terra,

não passaríamos a nossa vida gisar planos, que nunca têm realisação. Mas que? Você, que é o principal interessado em que isto progrida, é sempre o primeiro a desconfiar, a desanimar e a indagar que espécie de burla tentarão fasêr os que se apresentam com idéas novas. Quando lhe falam de empreender qualquer coisa, você lêva lógo a mão á carteira. onde, de résto, não têm se não bilhetes de visita, com mêdo que lh'a palmem. Não sêja tôlo.

— •Pois sim. Você fala bem; mas...

E Praxédes n'este *mas* concentrava um infinito de misteriosas alegações. O mal, o grande mal é que em Portugal, n'uma população de cinco milhões de habitantes, ha quatro milhões novecentos e noventa e cinco Praxédes. Na fólga dos cinco mil restantes cabêmos perfeitamente eu e o leitor.

2-Junho-914

---

## OS FELISARDOS

Tive hoje a satisfação de anunciar a Praxédes o ultimo invento da semana passada : a conjugação absoluta do gramofône e do cinematografo de modo a dar uma absoluta impressão de vida ás fantasias do pãno branco,

— «Pois sim, e depois? indagou Praxédes, um tanto ou quanto surprêso.

--- «E depois? Você ainda o pergunta? Você pertence á categoria dos felisardos, que lucram em absoluto com as locubrações dos intellectuaes. Ha pelo mundo milhares de sêres inteligentes, de cérebros privilegiados, que se levantam de manhã cêdo e passam noites em claro para que os Praxédes tenham todas as satisfações da vida. Para si é que Guttemberg inventou a imprensa e Edison o telefône. E' para tratar do seu cavername que os grandes médicos perseguem durante ânos os mais complicados problêmas. E' para que você e os seus irmãos Praxédes tenham raros prasêres que os poetas fazem os seus poêmas, os músicos as suas melodias, os engenheiros as suas engenhôcas. Para vocês acendêm os quimicos as suas retórtas, os eruditos folheiam os seus alfarrabios, os artistas críam as coisas bêlas e Deus, ainda em cima, fês o céu e o sol. Vocês não têm outro trabalho senão nascêr e ir vivendo. Encontram pela vida fóra todos os grandes inventos, todas as formidáveis

criações do engenho humano. Encontram o telégrafo e o caminho de ferro, a bacteriologia e a filosofia, as balanças automáticas e os binóculos, as fórmulas de mecânica e as limonadas... Que sei eu? Servem-se de tudo isso sem nunca têrem perdido meio segundo a cismar d'onde isso tudo vem, como foi engendrado, como se foi aperfeiçoando... Que sôrte, seus felisardos!

*9-Junho-914*

---

## PENDENCIA

Acta n.º 1 — Aos 25 dias do mês de Junho de 1914, tendo-se reunido em casa do quarto signatário os ex.<sup>mos</sup> srs. Alfa e Bêta, como representantes do ex.<sup>mos</sup> sr. Fulano, e Gama e André Brun como representantes do ex.<sup>mo</sup> sr. José da Silva Praxêdes, pelos segundos foi dito que o seu mandatário não aceitava as desculpas apresentadas pelo ex.<sup>mo</sup> sr. Fulano e, exigindo uma reparação, reivindicava para si a qualidade de ofendido e a escolha das armas. Com tudo concordaram as testemunhas do sr. Fulano, depois de terem tentado embrulhar as do sr. Praxêdes com citações de vários códigos do duelo. — Alfa, Beta, Gama e André Brun.

\* \* \*

Acta n.º 2 — Aos 26 dias do mês de Junho de 1914, tendo-se reunido na cervejaria da Trindade os ex.<sup>mos</sup> srs. Fulano e Praxêdes, bem como as quatro testemunhas abaixo assignadas, foram pedidas cinco cervêjas, uma *groseille* e uma caixa de dominó. Escolhido o terreno e desinfectadas as pedras, coube ao ex.<sup>mo</sup> sr. Praxêdes o *carrão*, que poz na mêsã. No primeiro jogo ficou o sr. Fulano com a doble quina entalada, tendo o sr. Praxêdes fechado o jôgo com a sêna e terno. No

segundo jogo tornou o sr. Praxédes a fasêr um sarilho terrivel com os duques e as quinas, tornando a fechar o jôgo e ficando o sr. Fulano com sête pedras na mão. Os inimigos reconciliaram-se e mandaram vir outra roda de cervêjas — Alfa, Beta, Gama e André Brun.

*26-Junho-914*

---

## DE REGRESSO

—«Ah! meu caro amigo! disía eu esta tarde a Praxédes. Você, misero alfacinha, que do mundo apenas conhece o trajecto do Terreiro do Paço á rua de S. João dos Bemcasados, sabe lá o que é ir de um só jácto de Lisboa a Vidágo, zig-zaguear durante dés dias por esse Trás-os-Montes, regressar d'ouíro jácto de Bragança a Lisboa, andar mil e dusêntos quilómetros de comboio, uns quinhentos de automovel, uma porção de léguas a cavalo, seguir deliciado durante horas as vertentes do Vale do Côrgo, sentir-se pequeno perante a grandêsa da Fós do Tua, atravessar o Marão, andar por cima das nuvens, descêr aos jasigos de marmore do Vimiôso, pisar duas vêses terras de Hespanha, vêr voar as águias e saltar as perdises e acordar, finalmente, dentro d'uma tina, na bôa cidade de Ulisses! Vivêr dés dias sem lêr jornaes, ignorando o que pensam os polílicos... Você sabe lá o que é isso...

—«É a respeito de calôr durante o dia? indagou tranquilamente Praxédes, desabotoando o casaquinho de alpáca.

—•Dusêntos graus acima de zêro.

—«É frio de madrugada e á noite?

—•Duzentos abaixo.

—•Poeira?

— «Algumas toneladas...

— «E a comidinha?

— «Umas vêses bôa, quasi sempre péssima...

— «Hoteis?

— «Não me fale n'isso...

— «Pois então, meu amigo, ande lá você por cima das nuvens, desça ao centro da terra, pasmee dos panoramas e digira com auxilio das aguas medicinaes da região toda essa porção de kilómetros, porque eu cá irei vendo tudo isso nos bilhetes postaes que você me mandou, comodamente instalado na minha cadeira de palha. Tenha você a certêsa de que tudo quanto ha de bélo n'este mundo está reduzido a postaes illustrados e a animatografo e que não ha assombros que valham a decima parte da maçada que nos metem no corpo.

*16-Junho-914*

---

## A GUERRA

—«Com que então, disia-me esta manhã Praxédes, com uma consciencia sorridente, vamos ter, ao que parece, a guerra na Europa?»

—«É que diz você a isso?»

—«Eu nada. Como nos não toca pela porta, como nada temos que ver com as notas que, entre si, andam trocando as potencias e como o conflito austro-servio não ha de chegar á rua de S. João dos Bemcasados...

—«Parece-lhe, meu amigo? Você faz lá alguma ideia do que sejam alguns milhões de homens batendo-se em terra firme, alguns milhares de navios degladeando-se sobre o mar, cidades destruídas, portos aniquilados... Ignora que uma guerra europeia será por muito tempo a ruína ou, pelo menos, o desequilibrio económico tanto dos vencedores como dos vencidos, que não ha indemnisações e compensações que possam equivaler aos prejuizos causados pela suspensão do commercio e da industria das grandes nações? Se as circumstancias nos pouparem o termos que enviar alguns milhares de vidas a essa chacina formidavel, não entende você que, pelo reflexo da alteração económica, a vida se nos tornará quasi impossivel, emquanto durarem as hostilidades e mesmo depois? A nossa fraca exportação e a nossa importantissima importação redusidas

quasi a zéro durante longos menses, a vida diária caríssima, a ruína de muitas das nossas industrias, tudo isto é o menos que nos pode succeder, na melhor hypothese de podermos manter uma neutralidade a que aliás se opõem convenções de ha muito apregoadas. Os que falam da guerra com essa serenidade parva nunca cismaram um momento nas terriveis consequências que ela viria a ter, não simplesmente para os belligerantes dirétamente interessados, mas para todos os países do mundo. A sorte nos poupe essa terrivel catastrophe, em que as vidas sacrificadas nos campos de batalha serão afinal o menor prejuizo e em que se subverterão enormes fortunas, se inutilisarão em menses os esforços de muitas desênas de anos, que tratará consigo a fome para os que não combaterem e a ruina para tantos outros, a humilhação dos grandes e a liquidação dos pequenos. Você faz lá ideia, Praxédes, do que seria a guerra europeia! Lembre-se do que dizia Vieira: —«Não está o rico seguro em seu palacio, nem o pobre em sua choupana e até Deus, em seu altar, não está seguro». E imaginava você que estava em segurança na rua de S. João dos Bemcasados!

26-Julho-914

## PRAXÉDES EM DIFICULDADES

Praxédes anda completamente desorientado com a guerra. E' preciso diser-lhes que ela em nada alterou os habitos da sua vida e antes, neste tempo de calmaria pôdre, lhe veio dar um perpetuo assumpto de paléstra a ele que se péla por conversar. E' que Praxédes tem que faser um prodigioso estudo para se habilitar a seguir a guerra. Em primeiro logar, as suas relações com a geografia eram muito vagas. Agora recorta aqueles mapas incompreensiveis que os jornaes publicam e, qual outro navegador luso á cata de ignotas terras, arma-se de lunêta e busca descobrir os sitios a que se referem os telegramas. Está mesmo com ideias de comprar um mapa grande, em tamanho natural, diz ele.

Os seus conhecimentos nauticos e militares eram tambem insufficientes, como compete a todo o paisano de nascença. A confusão terrivel que lhe fazem os *dread-nouhts*, os aviões blindados, as metralhadoras belgas puxadas por cães, as tropas de cobertura, as descobertas de uhlanos e toda a restante algaravia technica da militança de terra e mar, obriga-o a meditar, a consultar um guarda do jardim das Amoreiras que foi cabo da guarda municipal, a desenvolver emfim a sua instrução de um forma insólita, que desorienta. O Quico faz-lhe perguntas estravagantes. Hontem, por exemplo,

queria saber se a esquadra russa do Mar Negro podia batér os portos alemães do Baltico! Vá lá um homem responder a uma pergunta d'estas...

— Ah! meu amigo, disia-me ele esta manhã, desanimado. Tomára já que isto venha no animatógrafo.

*6-Agosto-914*

---

## •BROMAS•

Praxédes ía entrando hoje para a repartição com um semblante risonho e tranquilo. Mal me viu, abriu-me os braços e gritou lá de longe :

— «Então já sabe, hein ?

— «O quê ?

— «À guerra . . .

— «A guerra, o quê ?

— «Não ha guerra nenhuma. O que se tem dito sôbre o caso é tudo mentira dos correspondentes hespanhoes. O combate do mar do Norte ? *Broma*, meu amigo . . . Escôva, como diría o meu filho Quico. Os quarenta e dois mil alemães morto em Nancy ? *Broma* . . . Os quinhentos mil russos com cinco mil canhões na fronteira da Polonia ? *Broma* . . . Escôva, tudo escôvas, que aqueles *guasones* dos hespanhoes se entretêm a mandar para cá n'estes dias de calôr. Juntam-se dois ou três n'um café da Plaza del Sol e põem-se combinando:

— «*Que bromas vamos a mandar hoy a los portuguesifos ?* consulta um.

— «*Pués . . . propõe o outro . . . que los alemanes tienem dôse mil Zepelines para marchar sobre Paris.*

— «*Quê. Dôse mil ?* interrompe o terceiro. *Docientos e veinte mil . . . Vaya . . .*

— «*Eso, eso !* concordam os três.

—«É, á noite, meu amigo, ficámos nós arrelampados com a notícia de que os alemães tomáram Paris pela via aérea com dusêtos mil dirigiveis. Eu já não acredito em nada. Agora só ligo crédito á noticia que me diga que Guilherme II, Poincaré, Jorge V e o paisinho Nicolau almoçáram todos quatro em Joinville uma fritada debaixo d'uma parreira.

*13-Agosto-914*

---

## NOVO MÂPA

O nosso Praxédes foi hoje mercar por dôse centavos, um daqueles succulentos mâpas da Europa que têm apênsa uma grôsa de bandeirinhas sortidas, para as creanças e militares sem gradação se entretêrem a marcar o avanço dos exércitos beligerantes

— «Isto realmente é curioso, declarava ele, mirando a fôlha multicôr. Nunca imaginei que a Europa fôsse assim! Olhe que, afinal, a geografia é um bello entretenimento e eu agora ás noites vou-me dedicar a isto.

— «Não pérco tempo, meu caro Praxédes. Palpita-me que tudo isso que aí está é provisório.

— «Provisório?

— «Sim. D'aqui a algum tempo, provavelmente, já não é nada d'isso. Se os fados nos corrêrem propicios, este bocado aqui da Alsacia e Lorena passa para a França. A Bêlgica, pelo bem que se tem portado, tem direito a comer, provavelmente, o Luxemburgo, que se fêz Lucas. A Holanda ha de ir buscar o que a Alemanha lhe roubou em tempos, que é este pedaço. A Russia fica tambem com alguma coisa do léste alemão. A Italia, com a sua neutralidade toda, não deixa de ir sacar á Austria, Trieste, Fiúme e mais estes arredores. A Servia não anda em guerra para se divertir e, de combinacão com a Russia, ha de retalhar a Austria, assim como o

Montenegro, que tambem é povo. A Turquia, por aquela espertêsa de andar a comprar crusadôres alemães encravados, talvês passe a ser simultaneamente russa, romaica, bulgara, etc. Em resumo : a Europa ficará transformada e com mais duas republicas : a prussiana, que será este bocadinho aqui, e a hungara, que será tudo isto acolá. . .

— «Que me dís ?

— «Isto, se os fados nos corrêrem propicios, porque se a coisa vira toda para outro lado, aqui onde você vê esta tirasinha verde, á beira mar plantada, talvês passe a ser o principado de Schambourg-Parvonía.

— «Livra !

*15-Agosto-914*

---

## OS HOMENS DO DIA

— «Estão agora muito em moda, disía-me hoje Praxédes, os cavalheiros que, achando-se no estrangeiro, passaram as passas do Algarve para conseguirem chegar a Lisboa. Afinal, meu amigo, não vêjo motivos para grandes espantos. Se eu quisésse, também podia fornecer duas colunas a qualquer jornal.

— «Você?...

— «Eu sim. Pos então ! Você imagina que nunca me aconteceu nada de extraordinário ? Pois, sem sair de Portugal, já se deu comigo exatamente o que referem os viajantes recém-chegados...

— «Quando ?

— «D'uma vês que fui com a familia a uma feira de gado e tourada em Vila Franca. Para lá tudo fôram rosas e, durante um bocado do dia, tudo correu bem. Mas á tarde, meu amigo... Os géneros alimenticios subiram de preço a ponto de que por duas pescadinhas me levaram quinze tostões. Para comprar bilhete de comboio, levei murro nas costas e sôcos nas costêlas que me vi grego. Minha mulher e minha filha fôram desconsideradissimas por vários indigenas. Logares no comboio não havia e tivemos de vir de pé n'um *fourgon*, de sociedade com a fôrça da guarda municipal, que tinha ido policiar os festêjos.

Os soldados não me queriam deixar embarcar e queriam despejar-me em todas as estações. Vá vendo... É tal e qual o que contam os que andaram lá por essas Alemanhas... O sargento quis beijar a minha pequena, o cabo sentou-se no côlo da minha mulher. A viagem durou sete horas e, em todos os apeadeiros, a população nos insultava, chamando-nos nomes feios. Em cada portinhóla se via um passageiro deitando á linha o que lhe sobejava do jantar no estomago. Em resumo: cheguei a Lisboa sem vintem, arrasado de todo, sujo, roto, esfrangalhado e a familia no mesmo estado. Ora não me consta que a esses senhores, que foram surpreendidos pelas mobilisações, tivesse acontecido peor.

*16-Agosto-914*

---

## O SONHO DO PRAXÉDES

— Imagine o meu amigo, contava-me ha pouco Praxédes, que sonhei a noite passada que era o imperador da Alemanha. Em vez d'esta mosquinha, que foi sempre o enlêvo da minha Genoveva, tinha uns bigodes eriçados em bico e que, servindo-me de antênas da telegrafia sem fios, me comunicavam a cada instante noticias da guerra. Achava-me n'uma sala riquissima, sentado sobre um trôno na minha cadeira de palha e vestido com a armadura do homem de ferro da procissão de S. Jorge. Junto de mim, minha mulher, em trage de côrte, dava umas passagens nas peúgas do Quico, o qual, na sua qualidade de Kronprinz, se apresentava vestido de pagem, tal qual a mãe o mascarou o ano passado. Em volta do meu trôno variadissimos generaes, entre os quaes um major reformado que môra no meu predio, discutiam planos estratégicos. N'isto, a minha creada Balbina chegou á porta e, tendo feito tres reverencias, disse :

— «Avê, Cesar Imperador ! Está lá fóra o sr. Praxédes, que pede para falar ao patrão.

— «Manda entrar o Praxédes.

Ê entrei eu, tal como você me está vendo : casaquinho de alpaca, camisa de flanêla e palhinhas, Simplesmente trasia a mais botas altas e espóras.

— «Que queres, insecto desprezível? perguntei eu imperador, a mim, Praxédes.

— «Amigo e senhor imperador. Desculpe o incomodo; mas o assunto de que venho tratar é dos que interessam ás minhas entranhas de pae de filhos. Como V. Ex.<sup>a</sup> deve saber pelos jornaes, ha guerra na Europa. Na minha terra ha dois partidos: o meu, o da neutralidade, que entendo que isto de guerra é lá com quem as armas; outro, o da beligerancia, que é de opinião que devemos ir metêr-nos na baralha. Succede que a minha filha Fifi namora um cadête de cavalaria, que prometeu casar com ela em sahindo alfêres, o que é muito do meu agrado, pois que essa especie de individuos chamados militares tem pãosinho certo e refôrma garantida. Ora esse maroto todos os dias intima a minha pequena a que me peça para ir ao animatografo e, quando eu digo que não, o marióla ameaça-a de se oferecer para ir para a guerra. A minha filha desespera-se, quer suicidar-se e eu não tenho remédio senão atender ás intimações d'aquelle guerreiro. Ora eu já não posso com essa despêsa e bem basta os generos de primeira necessidade estarem péssimos e cáros. Li hoje que vossa magestade gasta quarenta milhões de marcos por dia com a guerra. Pois, se os gasta, é que os tem. Eu é que não me aguento com um crusado de acrescimo na despêsa diária. Ou o meu amigo acaba com a guerra ou então...»

E exaltado com o que estava expondo, dei um murro sobre uma mêsa. N'isto acordei espavorido aos gritos da Genoveva. Imagine que o murro tinha sido em cima da barriga da minha pobre metade!

## PRAXÉDES ASSARAPANTADO

Praxédes vinha hoje no electrico lendo os telegramas da guerra. De vês em quando tirava o chapéu e limpava o suór e verificava-se então que os setenta e sete cabêlos, que ele ostenta no alto da téssta, se mantinham de pé, como se estivéssem ouvindo o hino nacional.

—«Que é isso, homem? Você está a modos assarapantado! observei eu inquieto.

—«Se lhe parece! Eu não posso vêr dois garotos a pancada sem ficar nervoso. D'uma vês que houve uma scena de facadas na minha rua, fiquei a agua de flôr de laranja três dias. Imagine como hei-de estar lendo os detalhes d'esta batalha ultima! Quatro milhões de homens frente a frente — a população de Portugal em pêso, — cem mil mortos, aéroplanos despejando bombas, canhões de sitio atirando balas do diametro da minha barriga, cidades redusidas a montões de escombros, um país completamente devastado, granadas fasendo trinta victimas d'uma vês, baionêtas em serra, principes mortos, o diabo... Aquilo é o fim do mundo. É quer o meu amigo que eu lhe diga uma coisa?

—«Diga, Praxédes...

—«Aquilo é a maior infamia que se têm visto desde que Deus fês o homem. Estou farto de ouvir disêr que vivêmos na época da maior civilisação, que nunca as

sciências e bÉlas artes estiveram tão florescentes, que o espirito humano está prestes a atingir o seu ultimo limite de perfeição. Cantigas tudo isso. Estmos cem mil vses mais selvagens do que nos tempos do senhor Atila, que Deus haja, que era pessoa pouco atilada ao que se ds. Ele tinha desculpa para fasr as brincadeiras que fs. E'ra barbaro. Mas que os que se disem civilizados façam trinta vses peor, isso  que eu, Praxdes, não posso entender. Nós, afinal, não passámos d'uns chimpanzés amestrados. Quando nos deixam em liberdade, pegmos na comida com os ps e deitamos fra a casca. Sabe o que eu lhe digo? Os homens metem-me nojo e quem tem a responsabilidade d'esta guerra  o maior criminoso de quantos têm visto a luz do dia.

27-Agosto-914

---

## PRAXÉDES FABULISTA

— «Imagine você que, na minha rua, disía-me ha pouco Praxédes, — deu-se um caso, que tem dado muito que falar. N'um prédio defronte do meu morava uma familia de quatro irmãs. Todas tinham basófia de pertencer a uma familia antiquíssima e uma d'elas tinha sôbre as outras uma supremacia evidente pela sua educação, a sua instrução, a sua finura e elegancia, etc. O que a mana disía é o que as outras fasíam. Seguíam-lhe os exemplos e os conselhos e levavam o dia todo a disêr : — «A mana isto... a mana aquilo...» Ora aconteceu que a tal mana predilecta andava, de ha muito, de candeias ás avéssas com uma figurôna antipática, que morava no mesmo patamar e passava a vida a desafial-a. A figurôna tinha uma invéja da rapariga, que você não imagina. Tratava de a imitar no vestir, no falar ; mas o diabo é que, como ela é mal arranjada e grosseira, tudo lhe ficava mal. Por todos os modos procurava prejudicar a pequena, até que ha dias, sem mais nem menos, saltou n'ela á pancada. Pois quer sabêr o que lhe aconteceu ?

— «Diga, diga...

— «Ao passo que as manas da familia se deixávam ficar quiétas, alegando trinta mil rasões para não interviem na questão, acudiram em favôr da rapariga varias

visinhas : uma pequenota fraquinha, que tinha um quarto alugado n'esse patamar e se atirou às buchêchas da figurona com toda a valentia ; uma senhora, que morava n'um *chalet* defronte e uma latagona, que vive lá no fim da rua e que, se chega a pôr a mão na descarrada, é o fim do mundo . . . E, enquanto essas estranhas se deitam a defendêr a rapariga, as manas estão descançadamente a vêr a bulha e a repetir :— «Deus queira que a mana fique de cima.» Que me dís você a isto ?

— «Digo-lhe que você, quando não tem que fasêr, fás fabulas . . .

— «Pois olhe que é sem me sentir . . .

31-Agosto-914

---

## A ULTIMA PALAVRA

Escusado será disêr-lhe que, com as más noticias da França. Praxédes tem andado absolutamente aterrado. Não o incomódam os infortunios gaulêses ; o que o rala é scismar a Alemanha victoriosa, uma anexação das nosas colónias, uma demonstração naval no Têjo, conseqüente desembarque e um dos taes principécicos, de que Guilherme II tem grósas sortidas ao seu dispôr, sentado no trôno de Portugal. Praxédes já se via marchando em passo de parada para a repartição e tendo que aprender alemão para escrever nos officios : «Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup>».

— «Meu caro amigo, respondi-lhe eu para tranquilisar esse bipede da minha estima, tenha você a certêsa de que, embóra a Alemanha esmague a França e derrote a Russia, o que ainda está muito longe de estar feito, a ultima palavra ha de disêl-a a Inglaterra. Ela já está arruinando a Alemanha e ha de acabar por aniquilál-a. Quem pôs Napoleão em Santa Helena, ha de pôr o Kaiser a pão e laranja. O mar pertence-lhe e em terra começa ela agora a sua ação, Leu o discurso de Lord Kitchener ? Pois leia. A Inglaterra vae principiar a despejar gente no continente. Se fôr preciso, põe cá australianos, indianos, canadianos, de tudo emfim . . .

— «Homem! Isso parece a valsa dos *Sinos de Cornéville*...

— «Verá. O final do discurso é o seguinte. «Se fôr necessário, farêmos sacrificios como nunca fisêmos. Tenho a convicção de que nem o Parlamento nem o povo se recusarão a fasêl-os...» Como você sabe, a Inglaterra não é muito de sacrificios; mas, se ela se compromete a fasêl-os, nós, que ainda sômos primos em terceiro grau da grande Albion, podêmos dormir socegados, que não é tão depressa que os alemães nos hão de ehegar ás costas. Por conseguinte, você e todos os que da guerra não vêm senão esse aspecto «do que nos poderá acontecer» estejam tranquilos. Havemos de sofrêr a falta de alguns gêneros de primeira necessidade, como fitas de animatógrafo e Salvarsan. Quanto ao mais, não ha novidade.

3-Setembro 914

---

## EM QUE PARAM AS MODAS

—Então os alemães já não sítiam Paris? pergunta-me hoje Praxédes.

—«Parece que não, meu caro amigo.

—«Pois é pena...

—«Homem! Não diga barbaridades! Você é um selvagem.

—«Não é isso, Socégue. Eu, como homem civilizado, que me préso de ser, lastimaria profundamente que os soldados germanicos destroçassem porventura a capital de França. Consta-me que Paris é uma cidade de bastante importancia. Estive para lá ir quando foi da exposição de 89 e o padrinho do meu Quico obsequiou o pequeno, ha tempos, com um album de postaes, pelo qual tenho observado que a grande cidade francêsa, a respeito de monumentos, não fica a dever nada ás nossas melhores capitaes de districto. Sim, senhor! Só aquella torre Eiffel é objecto digno de respeito e de apreço. Não ha duvida; mas, como pae de familia, estimava bastante que, durante cinco ou seis menses, não podesse sair nada de Paris...

—«O' Praxédes, explique-se, com mil diabos...

—«Por causa dos figurinos, irra! Você sabe lá o que passa um pae de filhos com essa pouca vergonha! Todas as semanas, dá cá três vintens para ir ao quiósque

da estação comprar os figurinos de Paris e saber o que usam as grandes *cocottes* n'aqueles Longchamps. Depois em casa, á noite, são horas infinitas... — «Porque esta blusa com a manga d'aquela... porque esta saia com um macho ao lado e um folhinho adeante... porque mais isto... porque mais aquilo...» É eu resignado, já sei o que me espera: abertura de estação, chapéu para a Fifi, chapéu para a mãe, vestido para as duas... D'esta vês, disia eu cá comigo: — «Já começam a faltar os figurinos, a chegar de longe em longe. De aqui a pouco os alemães cercam Paris e acabou-se. Ficam a Geneveva e a Fifi sem saber o que usa este inverno. Páram as modas e, n'esse caso, não ha rasão nenhuma para que elas não usem os chapéus e vestidos do ano passado. Ah, meu amigo! Quando vi os alemães descêrem para sudêste e depois recuárem para nordêste, fiquei triste como o piar da coruja. Estou aqui estou a sair á noite para ir ver as montras e os chapéus modelos e a comboiar a minha Geneveva vestida de especie de Cléo de Mérode. Aquele Kaiser... Deus queira que os aliados lhe ferrem umas calças...»

Se virem o Praxédes beligerante não se assustem. Já sabem porque é.

9-Setembro-914

---

## DIA CHEIO

Grande dia de hontem para Praxédes. Logo de manhã o Quico arvorou n'uma cana do quintal uma bandeirinha vermelha e verde. O simbolo nacional impressiona muito o nosso Praxédes, que se perfila e abotôa sempre a sobrecasaca em face das côres da nossa bandeira. Hontem, como estava em mangas de camisa, abotou os suspensórios e passou comovidamente a mão pela cabeça da sua próle, dizendo :

— «Meu filho, aprende a ser homem para um dia servires o teu paiz.

— «Ó pae ! exclamou o Quico. Eu tambem quero ir para Angola.

— «Vaes no domingo com tua mãe, se estivéres socegado durante a semana, prometeu solemnemente o nosso amigo.

E, logo que foi mastigada a assorda do almoço, a tribu Praxédes embandeirou em arco para ir vêr sair a expedição. Escolhido o ponto estratégico da rua do Ouro para assistir ao desfile, Praxédes esteve ali firme com o seu pessoal durante hora e meia. Acotovelado, pisado, empurrado, enxotado pela policia, nada o arredou do candieiro em volta do qual tinha tomado posição com a sua gente. Resistiu com heroicidade ao ataque do fluxo das multidões. O exemplo de Liége não caiu em saco

rôto. Alfim, como disia Frei Manuel Bernardes, despon-  
tou a têsta das colunas. Ao vêr aquella rapasiada toda  
de capacête e grêvas, Praxédes não se conteve. Pegou  
no Quico ao côlo para ele vêr o Roçadas e o Massano  
de Amorim e, erguendo o seu chapéu, bradou :

— «Viva a Pátria !

E como um entusiasta quasi atirasse ao ehão sua es-  
posa, D. Genoveva, Praxédes indignado berrou :

— «O' sua cavalgadura ! Não vê que a minha mulher  
é uma senhora ?

D'ali foi ao Alto de Santa Catharina ver saír os na-  
vios. Fês varias prelecções nauticas ao seu insecto a  
quem explicou o mecanismo dos barcos a vapôr e,  
vendo sumir-se ao longe os paquêtes expedicionários,  
rematou as suas considerações com este voto sincêro :

— «Deus os leve em bem.

Chegou a casa, guardou os aparêlhos de grande  
gala, calçou as chinélas, jantou e lembrando-se da re-  
partição que o esperava hoje, expandiu-se na seguinte  
opinião :

— «Para comemorar um factô d'estes devia haver,  
pelo menos, oito dias de feriado.

*12-Setembro-914*

---

## O ULTIMO RECURSO

Ha não sei quantos dias não via o Praxédes. Encontrei-o hoje de muito má catadura, com cara de quem perdeu a carteira ou uma batalha nas margens de Marne.

— «Viva lá! Melhor cara traga o dia de amanhã.

— «Vê-se na minha cara que estou zangado? Ainda bem. Ao menos, se os poderes publicos me encontrarem, hão de perceber que não encáro sem protêsto a situação atual.

— «Mas com quem está v. irritado? Com o Joffre ou com o Clownprinz?

— «Com os dois e com o meu tendeiro. Estou como o outro: mal com os homens por causa da tenda e mal com a tenda por causa dos homens.

— «Deixe-se d'isso, e diga o que sabe. Jura diser a verdade?

— «O caso é simples. Eu poderei ser tudo: estúpido, burguês, empregado publico... O que ninguem pode negar que eu seja é chefe de familia. Tenho mulher, tenho filhos, tenho creada, um gato, um papagaio e um canário. É tudo isto cóme. Lá na minha rua toda a gente sabe que não fui eu que declarei a guerra europeia...

— «Antes pelo contrario...

— «Ora muito bem. Quando os alemães cercáram Liège, o tendeiro aumentou um pataco no bacalhau.

Quando bombardearam Namur, o aseite encareceu três vintens. No dia em que arrasaram Malines, o feijão encarnado começou a crescer no preço. Ao entrarem em Bruxellas as tropas do Kaiser, cortei as minhas relações com o arroz manteiga em virtude da sua carestia. Nisto li uma noticia tranquilisadôra nas gasêtas...

—«Que os russos iam desembarcar em França?...»

—«Qual historia!... Que o governo nomeára uma comissão, a qual tinha determinado uma tabêla de preços, que as galinhas e ovos eram considerados como contrabando de guerra e que, quando os tendeiros saíssem da tabêla, o que havia a faser era uma queixa á esquadra mais proxima.

—«Tambem li essa cousa.

—«Pois quer saber o que succede? As galinhas e ovos continuam descaradamente a emigrar para Hespanha; quanto mais tabêlas os jornaes publicam mais os merceeiros nos métem a unha... Já me fui queixar á esquadra do Rato, já fui á dos Terramotos, á do pateo D. Fradique, á do Caminho Novo... Em toda a parte me riem nas bochêchas. De forma que, se isto continúa, já sei o que hei de fazer...»

—«O que é, Praxédes, amigo.

—«Vou-me queixar á esquadra do Mar do Norte. Ela, que engarrafou os alemães, talvez mêtá na ordem o meu tendeiro.

*17-Setembro-914*

---

## CONFUSÃO

— «Você quer que eu lhe fale com o coração nas mãos? Perguntou-me Praxédes.

— «Diga...

— «Pois bem. Isto é uma coisa que me anda a pesar na consciencia e de que tenho urgencia de me aliviar n'um peito amigo. Eu não acredito nos russos...

— «Porquê? Algum o intrujou?

— «Não é isso. Não creio na existencia dos russos, nem que tomem parte na guerra.

— «Essa agora!

— «Está visto. Em primeiro lugar, aquele maranhão de tantos milhões já custa a engulir. Como se isto de uma pessoa ser um milhão fôsse uma coisinha de nada. Depois já reparou no nome das terras por onde eles andam? Os alemães marchavam sôbre Paris... Está muito bem. Paris sabemos nós que existe. Agora os sítios por onde disêm que andam russos, sérvios e montenegrinos... Você já foi a Seravejo? Sabe onde é Krupagne? Tem familia em Cattaro? N'outro dia vi-nham com a historia de que os russos se tinham fortificado em Seniava e Sambor e que a rétaguarda austriaca, unica face por onde esse exercito tem sido combatido até agora, tinha sido repelida de Vichnig para além do rio Sam. Disiam tambem que Garovia estava

e mchamas. «Ora ninguem ouviu falar nunca em semelhantes terras. Se existissem era coisa que se sabia. Nada. Não cômô tanto carapetão. Se querem que eu acredite nos russos, que venham cá para o pé, para Vila Franca de Xira ou para o Bombarral, onde tenho uma tia. Assim não.

*26-Setembro-914*

---

## FALTA DE CONSIDERAÇÃO

— «Ando muito desconsolado ha dias, disse-me ha bo-  
cado o nosso Praxédes. Na guerra ha qualquer coisa que  
me ocultam. Leio as edições da manhã, devóro com  
anciedade as da noite e, por mais que eu procure de-  
cifrar os comunicados francêses das 13 horas, os das  
17, os das 21 e os das 23. não vejo que aquilo ande  
para trás ou para deante. «No centro não ha novidade,  
na direita repelimos quatorse contra-ataques, na esquer-  
da progredimos vagarosamente.» E não passam d'isto.  
Tenho a impressão de que os aliados e alemães estão  
estacionados uns defronte dos outros, mirando-se como  
cães de louça na escadaria dum brasileiro rico. Eu bem  
sei que ha os outros telegramas, que contam historias  
de calibre 42 e varias anedótas; mas eu queria que os  
comunicados officiaes nos dissêsem coisas interes-  
santes.

— «Tambem eu, meu caro amigo, tenho notado que  
ha dias o Joffre o está tratando com muito pouca con-  
sideração. Esta coisa de lhe não dar todas as tardes ex-  
plicações detalhadas do que fêz e do que tenciona fasêr  
é uma prova de descortesia evidente. O generalissimo  
francês devia lembrar-se de que você está em cuidado na  
rua de S. João dos Bemcasados e disêr lá para comsigo:

— «Deixa-me dar um cavaco ao Praxédes, não vá ele fi-

car melindrado.» Já não digo que lhe pedisse conselhos, que você, aliás, lhe daria muitissimo bons; mas satisfações era o menos que lhe devia dar. Em todo o caso, eu no seu não fazia...

— «Como?

— «No seu caso não fazia caso... «Porque o Joffre tem desculpa. Ultimamente tem tido muito que fazer,

*30-Setembro-914*

---

## «TO GO OR NOT TO GO»...

«Então vamos ou não vamos ? perguntava-me hontem o Alfredo, filho mais velho do Praxêdes, rapás d'uma lombeira avantajada, aspirante a pegadôr de touros em corridas de amadôres, remadôr, jogadôr de *foot-ball*, que se livrou de soldado, ha cinco anos, por falta de robustês.

— «O' homem, espére lá. Que mania que os alfacinhas têm de empurrar. Para subir para os carros, para comprar bilhetes nos teatros, para ir para a guerra, é sempre a mesma coisa : os de trás a empurrar os de deante. Não se apoquente. Quando tivêrmos de ir, irêmos — já que o meu amigo conjuga o verbo ir com tanta familiaridade,—nós, os militares, para bordo dos transportes e os senhores, paisanos, para o Caes das Colunas dar vivas. Mas para isso é preciso, antes de mais nada, que nos convidem oficialmente. Ha um rifão portugûês que dís mais ou menos : «A' guerra e a batisado não vás sem ser convidado.» Se nos chamarem, iremos e, se não, ficaremos. Ou cuida você que a guerra é um pic-nic, onde, á hora em que se estendem as toalhas, aparece sempre uma familia, que se não espera ? Esse ardor patriotico é um sentimento, que lhe fica muito bem ; mas a pressa é que é talvês um pouco escusada. Os nossos aliados são os donos da casa e os senhores da

festa. Já sabem que podem contar com a nossa compa-  
 rencia e com a nossa melhor vontade. Disséram-nos que  
 talvez e que nos fôssemos aprontando... D'aí a cal-  
 çarmos as botas e a abalarmos por aí fóra, sem aguar-  
 dar segundo convite, ha um certo exagêro. Esperemos  
 com serenidade e, na hora marcada, lá iremos, uns  
 para bórdo, outros para o caes...

*7-Outubro-914*

---

— «A mim o que me fás mais espécie no meio d'aquele sarilho todo, disía-me ha pouco Praxédes, é a tal engenhóca de 42. Safa que é objéto! Imagine o meu amigo que vae um brioso militar muito descansado pela guerra fóra e lhe desaba uma estupidês d'aquelas mesmo no cocuruto da cabeça... E' caso para disêr: — «Safa!» ou outra má criação ainda maior.

— «Se lhe parece...

— «Ora o que aqueles diabos haviam de imaginar! Agora é que eu acredito que o Kaiser não têm sôno. O maroto não dorme de noite a cismar nas brincadeiras, que ha de fasêr de dia para arreliar o nosso grande general Joffre. Mas a mim o que me deixa entupido, como chefe de familia e pelintra que me préso de ser, é a despêsa. Cada tiro, três contos de réis! E' preciso que o dinheiro do país lhe não custe a ganhar para se permitir fantasias d'aquelas... Com um tiro só endireitava eu a minha vida e até levava a familia a banhos. Pagava a quem devo, liquidava o adeantamento, vestia a Genoveva e a Fifi, tomava um passe de elétrico...

— «A loucura das grandêsas...

— «Tenho visto muitos canhões na minha já longa existencia; mas como aquele é que nunca imaginei que houvésse.

Perto de nós o Quico, filho mais novo do nosso amigo, escutava o que seu progenitôr disía. N'esta altura, avançou e disse :

— «O papá dá licença que eu diga uma coisa ?

— «Dís, meu filho . . .

— «Olhe que é uma coisa feia . . .

— «Não fás mal. Tu não dises d'outras.

— «O papá é muito bêsta . . .

— «Porquê ?

— «Porque esse tal canhão não é nada. Se o papá tivesse lido Julio Verne, a *Viagem á Lua*, veria então o que são canhões. Balas que até levam gente dentro, com casa de jantar, cosinha, sotão e porta para a escada. Tiros que acertam na lua . . .

— «Que me dises, rapás ? Isso é verdade ?

— «Tá visto. Lá vem tudo explicado no sr. Julio Verne. Se o tal imperador da Alemanha fosse mais esperto, a estas horas já tinha os seus soldados todos em Paris. Fasia um canhão dos de ir á lua, encurtava a pontaria e despachava o exercito pelo ar . . .

Praxédes ouviu, calou, piscou-me o olho e, puxando-me para o lado, segredou-me :

— «Este rapás é muito inteligente. Não admira. É meu filho.

18-Outubro-914

---

## PRAXÉDES PATRIOTA

Amigo Praxédes, molhado como um pinto, de guarda-chuva e galóchas, passava hoje na Arcada, assobiando galhardamente aqueles primeiros compassos do hino da Restauração, que correspondem á afirmação soléne :

— «Portuguêses. é chegado . . .

— «Bravo, seu Praxédes, Folgo de o ver tão bem disposto.

— «Eu cá sou assim. Você conhecia a minha divisa : «Sendo preciso, até onde fôr preciso e Deus queira que não seja preciso . . . » Mas visto que o é, para a frente é que é o caminho. Nada de choraminguices e de palavras inúteis. Para mais, eu não vou, os meus filhos não vão, os meus primos e o meu compadre não vão . . . Por conseguinte : ávante e sempre ! . . . Lá nos irêmos despedir da valente rapasiáda que marchar : esperarêmos com anciedade as noticias que vierem e com que alegria e orgulho havemos de saber que a nossa gente fêz figura ao lado d'aqueles valentes exercitos ! Depois, a volta . . . Só o que havemos gosar a ouvir contar a uns e a outros o que por lá passaram, as aventuras que tivéram, as privações a que andaram sujeitos, as léguas que calcurriaram e a glória que lhes coube na victoria final. Se você quer que lhe fale com franquêsa, eu até hoje olhava para os militares como para

sujeitos que tinham um modo de vida pouco pesado e relativamente rendoso. Mas agora que esse modo de vida pôde ser um modo de morte, alto lá... Hei de ser o primeiro a tirar o meu chapéu aos que voltarem, porque, meu amigo, saímos de vês d'esta vidinha de pasmaceira réles, de ralacice e de paléstras da volta de esquina. Os que forem vão trabalhar para fasêr d'esta terra alguma coisa, Portanto, encaremol-os com o devido respeito e uma grande esperança.

*13-Outubro-914*

---

## TOQUE DE UNIR

— «Então sempre é certo que vamos para a guerra? perguntava-me esta manhã Praxédes, com o ar grãve e soléne d'uma pulga, que está para dar á luz um elefante.

— «Assim parece, consta e se dis. . .

— «Você não calcula o reboliço que esta noticia tem feito na minha rua, na pacifica rua de S. João dos Bemcasados.

— «Calculo. Ha cem ânos, desde a guerra peninsular, que a sua rua não vae á guerra. Ele é caso para se ficar um tanto estomagado. Pois agora é que se quer vêr essa fibra, seu Praxédes. Você, que é patriota, deve sentir-se profundamente orgulhoso de que o pequeno exercito portugûês sêja chamado a combater junto de grandes nações, como a Inglaterra e a França. Se algum imbecil ou tratante lhe viér disêr que estamos mal preparados, responda-lhe que as nações aliadas sabem muito melhor que esses tacticos de café e de esquina o estado da nossa preparação e não solicitariam o nosso auxilio, se não tivéssem a certêsa de que, dentro da nossa pequenês, havemos de saber honrar, por toda a fôrma, as tradições da nossa historia. E convença-se principalmente d'uma coisa: é que os nossos soldados irão combâtêr pela independencia e intregridade da sua Patria. A derrota dos aliâdos — não tenha d'isso a menor du-

vida — seria a liquidação d'este torrão, que através dos seculos soube fasér coisa imorredoiras e que bem estava carecendo, n'este momento da sua vida historica, d'uma forte comoção, que acordasse as grandes virtudes adormentadas da sua raça. Não se travarão os combates dentro das nossas fronteiras ; mas, onde quer que um soldado português caía, cairá, não para ser util a um país estranho, mas para defender da absorpção o sólo da sua patria e salvar a sua nacionalidade d'um aniquilamento humilhante. A nossa participação na grande guerra não é só uma suprema honra. É tambem um gesto de defêsa necessário. Poderá surpreender os paisanos. Todos os militares, todos os que têm ou tivéram a honra de vestir uma farda, devem estar prontos e estão prontos. Se é realmente chegada a hora, bastará um toque de cornêta. A farda deixou de ser um mistér de vestuário. É a indicação de um dever sagrado e nunca, pela nossa historia fóra você verá que, no momento proprio, os portuguezes tenham faltado uma só vês ao seu dever mais bélo e mais nobre, o de dar a sua vida, se tanto fôr preciso, pela sua patria. Viva Portugal!

3-Outubro-914



# Indice

---

## I — A FAMILIA

I — <i>Praxêdes</i> . . . . .	10
II — <i>A mulher</i> . . . . .	12
III — <i>A filha</i> . . . . .	15
IV — <i>O filho mais velho</i> . . . . .	17
V — <i>O filho mais novo</i> . . . . .	19

## II — O PESSOAL MENOR

I — <i>A creada</i> . . . . .	23
II — <i>O gato</i> . . . . .	25
III — <i>O papagaio</i> . . . . .	27
IV — <i>O canário</i> . . . . .	29

## III — A CASA . . . . . 33

## IV — A GENTE EM AÇÃO

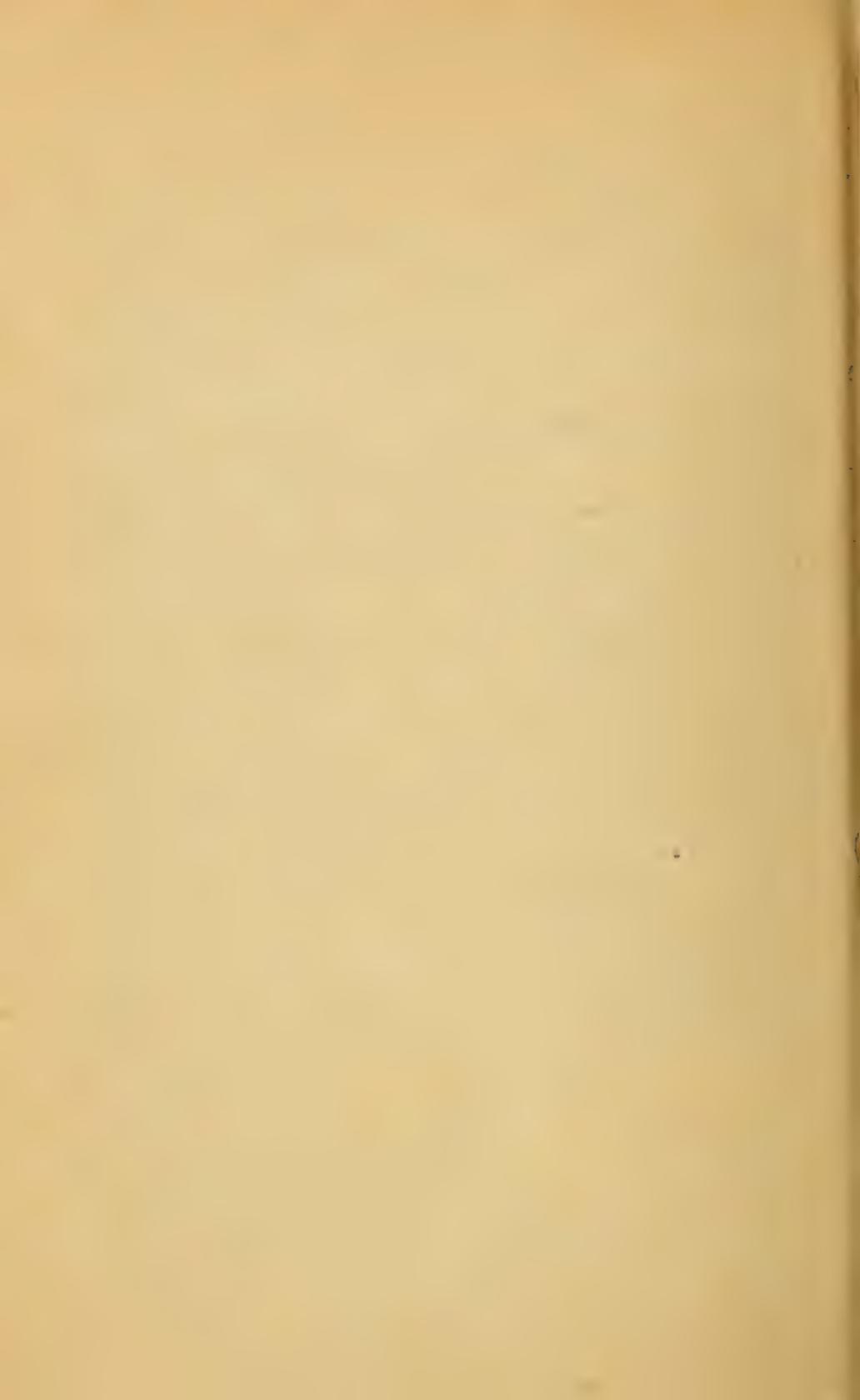
<i>Comédia burguesa</i> . . . . .	37
<i>O catarro do pápa</i> . . . . .	39
<i>Semana santa</i> . . . . .	41
<i>Segunda impressão</i> . . . . .	43
<i>Explicação</i> . . . . .	47
<i>Praxêdes artista</i> . . . . .	49
<i>Praxêdes sensato</i> . . . . .	51
<i>Praxêdes anti-sufragista</i> . . . . .	53
<i>Praxêdes e as festas</i> . . . . .	55

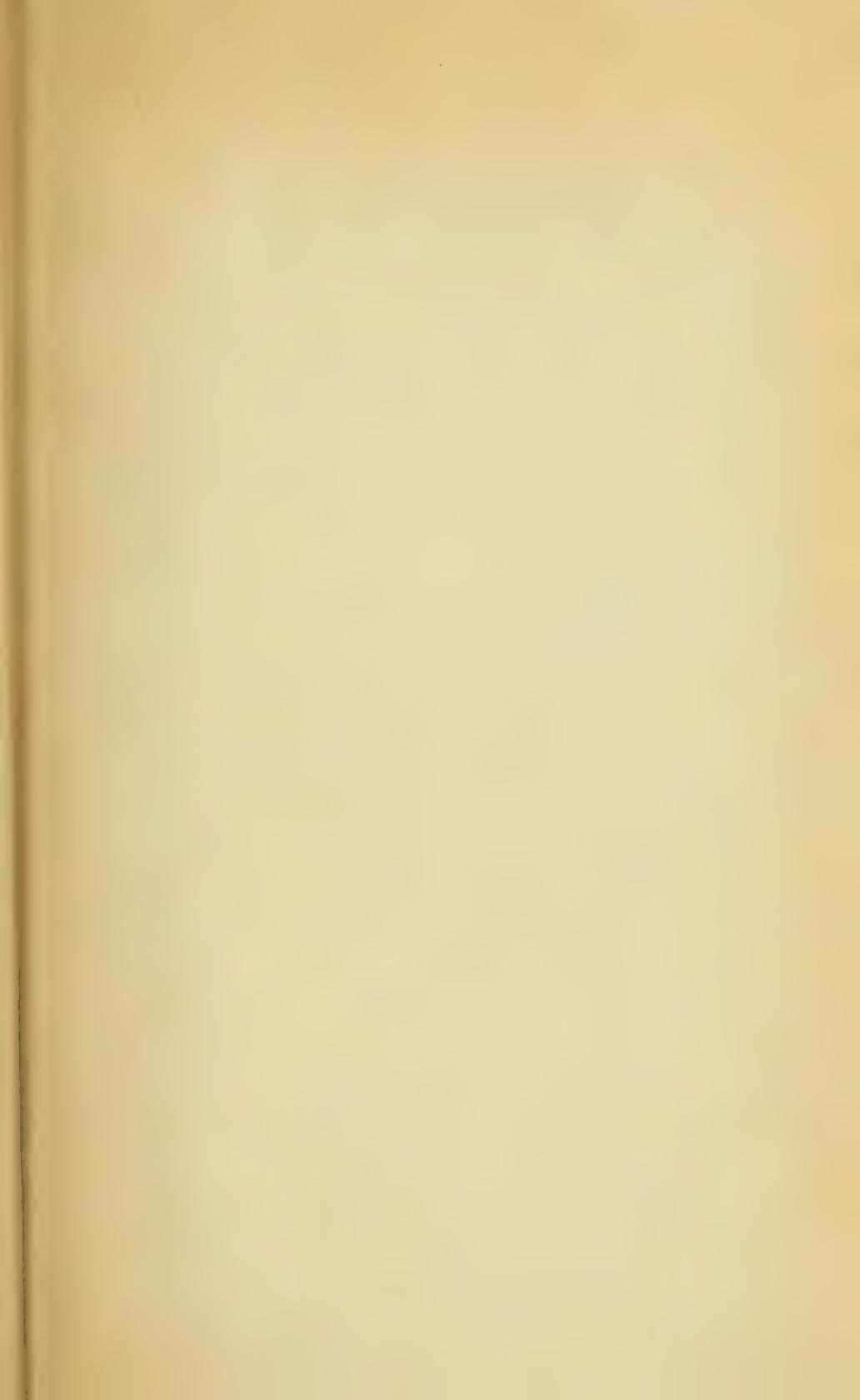
<i>Praxédes e as flôres</i> . . . . .	57
<i>Praxédes e a aviação</i> . . . . .	59
<i>Praxédes e as cifras</i> . . . . .	61
<i>Praxédes funcionário publico</i> . . . . .	63
<i>Senhor das passas... do Algarve</i> . . . . .	65
<i>Praxédes encravado</i> . . . . .	68
<i>A pontualidade</i> . . . . .	70
<i>A cura do silencio</i> . . . . .	72
<i>A lingua portugûesa</i> . . . . .	74
<i>Praxédes veraneando</i> . . . . .	76
<i>Praxédes militarista</i> . . . . .	78
<i>Praxédes bailarino</i> . . . . .	80
<i>Praxédes vigiado</i> . . . . .	82
<i>Educação feminina</i> . . . . .	84
<i>Praxédes encravado</i> . . . . .	87
<i>Praxédes informado</i> . . . . .	89
<i>Inimigos</i> . . . . .	91
<i>Praxédes em sarilhos</i> . . . . .	93
<i>Praxédes anti-espirita</i> . . . . .	95
<i>Boas festas a V. Ex.<sup>a</sup></i> . . . . .	97
<i>Praxédes anti-grévista</i> . . . . .	99
<i>Os valentões</i> . . . . .	101
<i>O país</i> . . . . .	103
<i>Pacificação</i> . . . . .	105
<i>Amnistia</i> . . . . .	107
<i>Mau génio</i> . . . . .	109
<i>Filosofia</i> . . . . .	111
<i>Praxédes furioso</i> . . . . .	113
<i>Créditos extraordinários</i> . . . . .	115
<i>O mais bello livro</i> . . . . .	117
<i>Semana santa</i> . . . . .	119
<i>S. Pedro</i> . . . . .	121

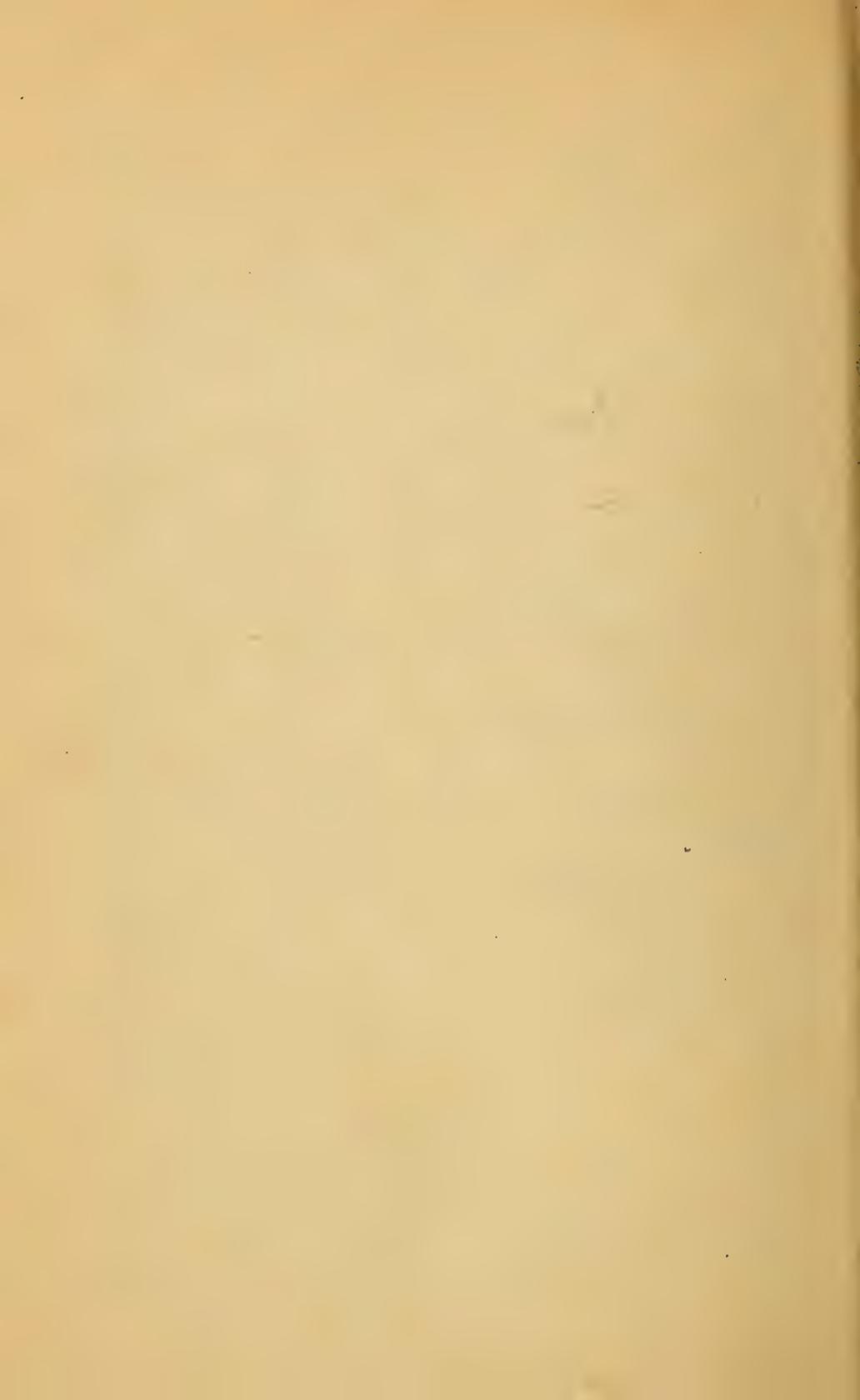
---

$8 + 8 + 8 = 0$ . . . . .	123
<i>A vida e a operêta</i> . . . . .	125
<i>Praxédes filosofo</i> . . . . .	127
<i>Praxédes desconfiado</i> . . . . .	129
<i>Os felisardos</i> . . . . .	131
<i>Pendencia</i> . . . . .	133
<i>De regresso</i> . . . . .	135
<i>A guerra</i> . . . . .	137
<i>Praxédes em dificuldades</i> . . . . .	139
<i>•Bromas•</i> . . . . .	141
<i>Novo Mápa</i> . . . . .	143
<i>Os homens do dia</i> . . . . .	145
<i>O sonho do Praxédes</i> . . . . .	147
<i>Praxédes assarapantado</i> . . . . .	149
<i>Praxédes fabulista</i> . . . . .	151
<i>A ultima palavra</i> . . . . .	153
<i>Em que páram as modas</i> . . . . .	155
<i>Dia cheio</i> . . . . .	157
<i>O ultimo recurso</i> . . . . .	159
<i>Confusão</i> . . . . .	161
<i>Falta de consideração</i> . . . . .	163
<i>To go or not to go</i> . . . . .	165
<i>O tal de 42</i> . . . . .	167
<i>Praxédes patriota</i> . . . . .	169
<i>Toque de unir</i> . . . . .	171

---











BINDING SECT. OCT 17 1968

PQ  
9261  
B78P7

Brun, André  
Praxedes, mulher e fi

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 02 04 011 9